

**A CIDADE E A
CIVILIZAÇÃO ROMANA:
UM INSTRUMENTO DIDÁTICO**

PEDRO PAULO A. FUNARI

Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

textos Didáticos

Nº 28 - JULHO DE 1997

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 788.8342 - Fax: (019) 239.33.27

**SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED**

Diretor: Prof. Dr. Paulo Miceli

Diretor Associado: Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo

Comissão de Publicações:

Profª Amneris Angela Maroni - DCP, Profª Ana Maria Niemeyer - DA,
Prof. Italo A. Tronca - DH, Prof. Márcio Bilharinho Naves - DS, Prof.
Oswaldo Giacóia Jr. - DF e Prof. Rubem Murilo Leão Rêgo (Coordenador).

Setor de Publicações:

Marilza A. da Silva, Elizabeth S. S. Oliveira e Magali Mendes

Gráfica

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, José
Carlos Diana e Leontina Marques Segantini.

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão
IFCH/UNICAMP

A CIDADE E A CIVILIZAÇÃO ROMANA: UM INSTRUMENTO DIDÁTICO

PEDRO PAULO A. FUNARI¹

Introdução

O ensino superior, no Brasil, tanto a nível de graduação como de pós-graduação, ressen-te-se da falta de instrumentos didáticos atualizados e que dê-m conta dos avanços da literatura científica internacional. A produção de compêndios para uso em sala de aula, em países como os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha, possui uma dinâmica que permite aos alunos um contato muito direto com aquilo que se tem produzido, por parte dos especialistas, nas mais diversas áreas do conhecimento. Os autores desse manual têm fácil acesso aos inúmeros artigos que aparecem, anualmente, nas revistas acadêmicas nas línguas hegemônicas, em inglês, francês ou alemão. Assim, os alunos podem contar, seja com bons livros atualizados, seja com a referência a artigos específicos publicados nos últimos anos. Em nosso meio, contudo, a dinâmica do mercado editorial não facilita a produção de

¹ Livre-Docente em História Antiga, Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Caixa Postal 6110, Campinas, 13081-970, SP, fax: 019-2393327, E-mail: funari@turing.unicamp.br.

tão grande número de manuais, menos ainda favorece a profusão de compêndios sobre os mais variados aspectos de uma determinada disciplina. Nossos alunos não têm acesso aos artigos recentes, nem, muitas vezes, detêm conhecimentos básicos para sua leitura e digestão.

Neste contexto, a UNICAMP tomou a iniciativa, há algum tempo, de produzir uma coleção de livros-texto destinados a disciplinas de graduação, visando, justamente, minorar os problemas acima mencionados. Na área de ciências humanas, tomei a iniciativa, quando era Coordenador do Curso de Graduação em História, de divulgar essa linha de atuação da Editora da UNICAMP e, como professor responsável por uma disciplina particularmente carente de recursos didáticos, "História Antiga", publiquei um volume introdutório ao estudo dos documentos relativos à Antigüidade Clássica (Funari 1995b). O objetivo ultrapassava, no entanto, servir aos cursos de História Antiga, pois, em verdade, cursos de Letras, Filosofia, Arquitetura, História da Arte, entre outros, deveriam poder ter a possibilidade de contar com um compêndio atualizado e introdutório à cultura antiga. Como docente de cursos de graduação e pós-graduação tenho, contudo, notado que, além de manuais didáticos genéricos, falta ao professor universitário instrumentos de trabalho mais específicos e que possam exercer duas funções diversas. Por um lado, faltam textos específicos atualizados que dêem conta da literatura internacional recente e, por outro lado, faltam publicações que permitam ao professor usar o material como ponto de partida para discussões mais genéricas e aprofundadas.

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP possui uma coleção de "Textos Didáticos" que pode atuar como complemento aos compêndios didáticos, patrocinados pela Editora da

Universidade. Neste contexto, pareceu-me útil produzir material didático sobre um tema central do mundo antigo, a cidade, que procurasse dar conta das duas necessidades aludidas há pouco. A apresentação das discussões recentes da literatura internacional sobre a cidade romana serve, em primeiro lugar, para tratar de um aspecto específico da vida social antiga como tema gerador a partir do qual se discutem questões relativas à História, cultura, religião e arte, entre outras, bem como, no que se refere à discussão conceitual, quanto ao tratamento dado pela literatura a noções como “identidade” ou “urbanidade”. Em segundo lugar, se considerarmos que cabe aos alunos a produção de conhecimento, não sua absorção passiva, o material didático deve ser, sempre, o ponto de partida para a pesquisa. Já esta era a filosofia que estava subjacente ao livro *Antigüidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos* e, agora, neste pequeno opúsculo, buscou-se apresentar um número relativamente grande de documentos, com destaque para os registros iconográficos, arqueológicos e materiais *lato sensu*, que deverão servir para que o professor, em sala de aula, possa discorrer sobre os diversos subtemas.

O material gráfico, apresentado ao final de maneira proposital, permite que o professor o utilize, a partir da confecção de cópias em acetato, em sala de aula. A seleção das ilustrações seguiu, portanto, três critérios: a sua discussão recente pela literatura internacional, sua dificuldade de acesso para o professor universitário e seu potencial como gerador de discursos, por parte do docente, sobre os mais variados temas. Assim, embora o texto que precede as ilustrações seja uma discussão da literatura recente, e como tal deverá ser utilizado por professores e alunos, espera-se que, para seu bom aproveitamento, os *subtemas* sejam objeto de aulas expositivas e discussões, por parte de docentes e alunos. Mencionam-se, de passagem, plantas de

casas romanas, incitando-se, portanto, um tratamento genérico do tema, em sala de aula. Desta forma, texto e ilustrações não constituem o conteúdo de uma aula, mas *ponto de partida* de um curso sobre a civilização romana.

Discussões recentes sobre a cidade romana

Logo que comecei a pensar em escrever um texto didático sobre a cidade romana fiquei em dúvida, pois a enormidade da tarefa postularia pelo abandono do desafio, já que ela existiu por muitos séculos, desde a humilde fundação da *urbs*,² no século oitavo a.C., até a antigüidade tardia, cujos limites cronológicos, ainda que disputados, deveriam incluir as cidades romanas do período constantiniano, como mínimo, no início do quarto século de nossa era. Em termos geográficos, ainda, houve cultura urbana romana na *patria primigenia*, sem dúvida, mas também em regiões variadíssimas, da África do norte à Bretanha, do Danúbio à Grécia, da Ásia Menor à Mesopotâmia (Figura 1). Houve cidades romanas de língua latina, grega e, muitas mais, bilíngües, cidades que alternavam o uso do latim ou do grego com vernáculos como o púnico, o céltico ou o aramaico (cf. Adams 1994). Por fim, caberia lembrar que a própria “cultura urbana” podia encontrar-se bem longe, fisicamente, das ruas da cidade, em pleno campo, pois as *uillae rusticae* podiam ter sua *pars urbana* (Figuras 2 e 3) e suas paredes exigir pinturas e, seus pisos, mosaicos com temas tipicamente citadinos, como as *uenationes* ou os *munera gladiatoria*,

² Ao final, encontram-se diversas expressões latinas e gregas utilizadas no texto, explicadas e traduzidas de forma didática (pp. 20-22).

parte dos *urbana ornamenta* da casa de fazenda, demonstrando que havia um verdadeiro *continuum* entre cidade e campo (Purcell 1996: 152; 171) (Figura 4).

Neste contexto, pareceu-me que seria mais interessante do que tentar dissertar sobre supostas características essenciais e persistentes que estariam subjacentes a um *ethos* citadino romano, tratar de alguns aspectos da cultura urbana que têm sido debatidos por estudiosos do mundo romano. Temas relativos à urbanidade romana têm sido discutidos por historiadores, arqueólogos, filólogos, historiadores da arte, arquitetos, epigrafistas, literatos. Na profusão de livros e artigos, sobre os mais variados casos específicos, tratarei, neste trabalho, de alguns estudos que versam sobre problemáticas a respeito das quais, de uma ou outra forma, tenho me debruçado pessoalmente, tendo contribuído com propostas de interpretação discutidas pelas literaturas científica recente. Talvez seja o caso de começar com a cidade romana mais conhecida, graças à Arqueologia, Pompéia (Figura 5), cujas ingentes evidências materiais, que incluem ruas (Figuras 8-17), casas, decorações parietais e inscrições, não tem deixado de gerar, há mais de dois séculos, inúmeras considerações sobre a vida urbana na Itália antiga.

Whittaker (1995) acaba de publicar um texto, sugestivamente intitulado “As teorias sobre a cidade antiga importam?”, nas atas de um colóquio sobre a “Sociedade Urbana na Itália Romana”, no qual retoma sua defesa do modelo da cidade consumidora, proposto, na origem, por Max Weber e, levado às últimas conseqüências lógicas, por Jongman (1988) em sua monografia sobre Pompéia. Outros estudiosos de Pompéia, como Mouritsen (1996), viriam a reforçar essa interpretação, segundo a qual a cidade romana era não apenas consumidora, transferindo recursos do campo para a cidade, como, essencialmente,

dominada, de forma inexorável e irresistível por uma elite cidadina. Como resumiu Mouritsen (1996: 144), “a presença de sangue liberto na *ordo* de Pompéia possuía um efeito estabilizador na sociedade... depois do processo de seleção controlado pela antiga nobiliarquia, os libertos recebiam os lugares inferiores à mesa – em geral, por um período de tempo muito breve e finito”. Muitos outros estudiosos, contudo, têm questionado este modelo de uma cidade consumidora, conservadora e estável e pode-se fazê-lo por diversas vias. Elio Lo Cascio (1996), por exemplo, estudou os *programmata antiquissima* (Figura 19) e o *Pro Sulla* (60-62), de Cícero, concluindo que a oposição entre os antigos pompeianos e os colonos silanos, relacionada ao confinamento dos primeiros ao centro urbano e à ocupação rural, por parte dos veteranos, foi sendo atenuada pela absorção não traumática deste últimos devido ao dinamismo da economia pompeiana, em contraste ao modelo da cidade consumidora. Fausto Zevi (1996) propôs, nessa direção, que as pinturas parietais de primeiro estilo (Figura 7), datadas de antes da chegada dos colonos silanos, no início do primeiro século a.C., foram conservadas, em muitas paredes de mansões *intra muros*, por mais de cem anos, até a destruição da cidade, em 79 d.C., como sinal de que seus donos eram “velhos pompeianos”, enquanto, nas *uillae*, o segundo estilo, que se iniciara em época silana, está presente como testemunho destes novos homens. *Duo genera ciuium*, veteranos e antigos pompeianos, corresponderiam, pois, a dois estilos de pintura parietal. Na mesma linha, Zevi propõe que se interprete o antigo teatro (Figuras 20 e 21) como uma casa de espetáculos em osco e que o novo *theatrum*, chamado modernamente de *odeion* ou pequeno teatro, não se destinasse à execução musical, mas, propriamente, a representações cênicas, em latim, destinadas aos colonos. Isto explicaria a construção, em seqüência cronológica, de um grande edifício inovador, o

enorme anfiteatro (Figuras 22-23), capaz de receber dez mil espectadores, destinado ao novo conjunto cívico, composto de antigos oscos e novos colonos. Assim, casas de aristocratas locais e de colonos eram facilmente distinguíveis por suas pinturas parietais, havia teatros para oscos e para latinos e um novo lugar de confraternização da cidade como um todo, a *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum* (CIL³ X 852). Este quadro torna-se mais complexo com o período imperial, quando aparecem no cenário da elite os libertos, cujas tumbas foram estudadas por Los (1996: 148), com um crescimento notável de libertos no último período:

	Notáveis	Plebeus livres	libertos	total
30 a.C.-50 d.C.	14 – 70%	3 – 15%	2-3 – 15%	19-20
50-79 d.C.	1 – 9%	–	9-10 – 90%	10-11
Total	15 -50%	3 – 10%	12 – 40%	30

Em que medida, neste contexto, pode concluir-se que a evidência de Pompéia contradiz o modelo finleyano, segundo o qual as teorias elitistas das fontes antigas teriam ampla eficácia social? Wallace-Hadrill (1996), em oposição àqueles que se utilizam dos vestígios pompeianos referentes ao comércio miúdo, propõe que a Arqueologia confirme que as ideologias dominantes realmente conformavam a vida na cidade romana, pois a distribuição espacial de *cauponae*, *popinae*, *tabernae*, *lupanaria*, *cellae meretriciae* (Figuras 24 a 28) demonstraria o interesse das autoridade citadinas em excluir esses estabelecimen-

³ CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*, publicação que compila as inscrições latinas, abreviada como CIL, seguido do volume, em números romanos, e do número de inscrição.

tos dos lugares públicos e oficiais, tese aceita por Laurence, que chega a apresentar um mapa com as ruas de comportamento “desviante” (Laurence 1994: 85) (Figura 29). Se aceitarmos que a localização dessas construções destinadas àqueles que *luxuria opportunum et opulentum uitiis locum quaerens*, nas palavras de Sêneca (*Cons. ad Heluiam* 6.2) estivesse, em verdade, apartada dos lugares de freqüentação dos *boni uiri*, isto seria devido, como reconhecem Wallace-Hadrill e Laurence, à autoridade edilícia municipal, não a uma aceitação da ideologia da elite por parte, seja dos donos dos estabelecimentos, seja dos seus usuários (Funari 1995a: 335) (Figuras 30 e 31).

Como poderíamos, se é assim, chegar a essa raia miúda que freqüentava bordéis, para investigarmos em que medida a sanção moral da elite afetava a autorepresentação dos usuários de bares, prostíbulos e espetáculos populares, como os *spectacula* no anfiteatro? Os grafites parietais, numerosíssimos, ubíquos, publicados aos milhares desde o século passado, representam a expressão, não do legislador urbano que assignava *infamia* de acordo com um *ethos* erudito, mas dos *infames* eles mesmos (Figura 32). As intervenções parietais em tabernas e lupanares não deixam transparecer qualquer sinal de preocupação com a vergonha que deveria, segundo as prescrições das elites dominantes, caracterizar esses ambientes (Figura 33). A disputa entre dois homens pelo amor de uma taberneira (CIL IV 8258-59) (Figura 34), entre muitíssimas outras inscrições desse tipo estudadas por Funari (1992: 23) e Varone (1994: 112), demonstram que o imaginário popular possuía sua própria semiótica. Assim, talvez fosse mais prudente do que aceitar que a elite conseguisse êxito em infamar a ralé, sugerir, como diziam os gregos (cf. Cleaver 1996: 11), que *ou mónon... allà kai*, não apenas havia a tentativa de imposição da categoria *infamia*, por parte da elite, como um outro conjunto de preocupações,

por parte do povo, que passava, em grande parte, ao largo dos conceitos oficiais, impostos por regulamentação, ou, simplesmente, aceitos pela nata da sociedade.

Não são somente as inscrições parietais, contudo, a demonstrar as diferenças entre as percepções dos diferentes estratos sociais pompeianos; outra evidência reavaliada, nos últimos tempos, é a representação figurada. Os estilos de pintura parietal pompeiana constituem um exemplo único de erudição já centenária, cujo mais elaborado estudo de conjunto recente encontra-se no livro de Roger Ling (1991; cf. Funari 1992/3). Nesta área, algumas abordagens inovadoras vieram a questionar seja a propriedade de se estudarem os quatro estilos de forma cronológica, seja a possibilidade de se entender a pintura pompeiana sem relacioná-la, diretamente, aos ambientes interiores e exteriores das casas (cf. Laurence 1993: 228; Allison 1995). A publicação de inúmeros grafites figurados por Vivolo (1993), no campo da divulgação de documentos até então inéditos (Figuras 35 a 39), bem como o estudo semiótico das representações parietais por Funari (1993), permitem, segundo Laurence (1995: 314), “trilhar novos caminhos e abrir vias para aplicações adicionais, com uma agenda mais teórica, de acordo com desenvolvimentos para além dos confins da Arqueologia Clássica”.

As ilustrações que se referem a lutas de gladiadores e caçadas conduzem-nos a um aspecto da vida urbana antiga de difícil análise por parte do mundo moderno. Nos últimos anos tornou-se comum, mesmo nos Estudos Clássicos ou *Altertumswissenschaft*⁴, conservador

⁴ O uso do termo alemão indica que se trata de um conceito que não se resume ao estudo da Antigüidade clássica, daí sua citação no original; note-se que, por erro de imprensa, *Altertumswissenschaft* aparece grafado erradamente em Funari (1985b: 31).

quase por natureza (cf. Bernal 1991), estudar-se qualquer tema a partir da construção moderna, da invenção contemporânea do mundo antigo, para citar o belo título do volume organizado por Mark Golden e Peter Toohey (1997). Essa invenção é inevitável, pois somos nós modernos a criarmos nosso mundo antigo, “cada época constrói, mentalmente, sua própria representação do passado, sua própria Roma e sua própria Atenas”, nas palavras de Georges Duby (1980: 44; cf. Funari 1995b: 30-32). “Invenção”, embora palavra forte, retoma o sentido original latino de *inuenire*, “encontrar”, “achar”, “inventar”, pois não se pode “descobrir” algo sobre a Antiguidade sem “inventar” (Shanks & Hodder 1995: 11). Esta pequena digressão fazia-se necessária, ao tratar de um tema particularmente abstruso, como são os espetáculos públicos romanos. De fato, Thomas Wiedemann (1995: 1-54) relacionou, recentemente, de maneira muito direta os espetáculos cruentos e a própria noção de identidade romana, identidade essa que dependeria, portanto, de um contexto urbano que dava sentido aos *munera*. Embora o anfiteatro monumental de Pompéia seja o mais antigo (Maiuri 1949: 33-34) e o Coliseu o mais conhecido (Figura 42), esses *spectacula* precediam as construções em pedra, fixas, que apenas começariam a se difundir no primeiro século a.C., e, na verdade, independiam de edifícios. A noção de que os romanos de fala grega não apreciavam as disputas sangrentas, ainda muito comum entre os observadores do mundo helênico a partir do segundo século a.C., já havia sido posta em questão, há meio século, por Louis Robert (1940), com seu *Les gladiateurs dans l'Orient grec*, pois se utilizavam, no Oriente, com mais frequência, locais públicos, como teatros, para a apresentação de gladiadores ou de caçadores, prescindindo-se de anfiteatros.

Essa ida ao mundo grego não foi casual, mas muito a propósito: qual o atrativo dos *munera* para os falantes do grego? Wiedemann

(1995: 46) propõe que os *spectacula* representassem o lugar onde a civilização e o barbarismo se encontravam, “e civilização, para os romanos, significava cidade”. Lembremo-nos que os latinos não possuíam uma palavra que correspondesse a “civilização” – que, no mundo ocidental, significa, de maneira sugestiva, “aquilo que é da *ciuitas*, do conjunto de *cives*”, cidadania e cidade sendo conceitos interligados, para nós – pois sua *humanitas* possuía conotações que ultrapassavam a *urbanitas*. *Humanitas* implicava em educação liberal, elegância de costumes, hábitos da classe alta (*pace* Cícero, *Off.* 1, 40, 145; cf. Funari 1996: 84). A identificação da *humanitas*, conceito válido para a nata da sociedade, com a *romanitas*, conceito mais amplo por relacionar-se a grupos sociais menos restritos, portanto não deve passar de um jogo de palavras. Wiedemann identifica civilização e *romanitas* e conclui que a arena não servia apenas como lugar e momento de integração da sociedade romana, separava o romano do não romano de múltiplas maneiras. Vale a pena, neste caso, citá-lo *in extenso*:

“A arena era o lugar onde a civilização confrontava a natureza, na forma de feras que representavam um perigo para a humanidade; e onde a justiça social confrontava a má ação, na forma de criminosos, ali executados; e onde o império romano confrontava seus inimigos, na pessoa dos cativos prisioneiros de guerra, mortos ou forçados a combaterem, entre si, até a morte” (Wiedemann 1995: 46).

Daí a ubiquidade de arenas em cidades fronteiriças do mundo romano (Figuras 44 a 47), daí a sua localização próxima ao limite físico que separa o recinto urbano amuralhado do *ager* (Figura 20), daí sua presença no mundo de fala grega, como sinal de identidade romana, talvez mais eloquente do que o domínio do latim, pois se poucos

conheciam, no Oriente, o *sermus romanus*, muitos podiam tomar parte do ritual de identificação com a romanidade que representavam os espetáculos. Poderíamos aceitar essa coalescência entre arena, vida urbana e identidade romana? O grande mérito de Wiedemann foi superar a tradicional visão *dal alto*, que parte dos conceitos emitidos pela elite romana sobre o que sejam *humanistas* e *urbanitas*, para procurar abarcar aqueles amplos estratos sociais excluídos do raciocínio dos *nobiles*. Ora, há tempo Rothe (1978: 58) lembrava que, do ponto de vista erudito, pouquíssimos seriam os dotados de *humanitas*:

“No caso dos bárbaros, subentende-se a falta de *humanitas*. Mas nem mesmo todos os romanos compartilhavam-na: tinham-na os *nobiles*, não os *serui* e *liberti*”.

Poderíamos acrescentar aos excluídos de Rothe os *ingenui*. Neste contexto, a identidade romana, tal como proposta por Wiedemann, inclui a todos os espectadores dos *munera*, *nobiles*, *ingenui*, *liberti*, *serui* e, não esqueçamos, as mulheres! Os sentimentos dos espectadores de baixa extração podem ser avaliados por um exame, ainda que breve, dos grafites e desenhos relativos a esses espetáculos (Ward-Perkins & Claridge 1976:65). Esses desenhos possuem uma lógica expressiva que se distancia daquela erudita, predominando o uso de traços e a ênfase, por um lado, na representação das armas e, por outro lado, no movimento ligado à luta (Funari 1993: 144) (Figuras 40 a 41). Já nas incisões parietais paleolíticas encontramos representações de serem humanos perpassados por armas (Bachechi, Fabbri, Mallegni 1997:136) (Figura 48) e estudos recentes sobre a guerra indicam que a violência tem acompanhado o gênero humano em todos os tempos e lugares (Simons 1997); a especificidade das pugnas em arenas seria o

bastante para definir a romanidade e seu papel como mecanismo de coesão social seria, realmente, tão eficaz quanto supõe Wiedemann?

Uma das características mais marcantes dos *munera* era a onipresença da morte (Figura 4) e a cidade romana, como sabemos, era morada de vivos, por oposição a morada de mortos, nas vias de acesso ao recinto urbano *stricto sensu* (Figuras 49 a 51). Laurence (1996b: 120), em estudo sobre como a destruição da cidade manifestava-se no imaginário romano, conclui que povos sem cidades eram bárbaros, associados ao deserto e à incultura, de onde provinha a importância de destruir uma cidade com Cartago. Uma série de vasos de vidro apresentam interessantes representações de Puteoli e Baiae, com destaque para anfiteatros, teatros, termas e, com maior ênfase, templos e sacrifícios (Figura 52). Na verdade, há um elemento comum às cidades romanas, o fórum, cuja presença assegurava um estatuto propriamente urbano a um assentamento, assim como, em grande medida a imposição de um quadriculado ao traçado urbano, em torno de um *cardo maximus* (norte-sul) e um *decumanus maximus* (leste-oeste), com um espaço central reservado para o fórum (Thorpe 1995: 21; Lagopoulos 1995/6) (Figura 53). A adoção deste modelo de cidade, no entanto, efetivou-se, em particular nas províncias ocidentais, a partir de iniciativas de famílias aristocráticas locais cuja identificação com o “modo romano” de vida citadina servia como meio de diferenciação em relação a possíveis setores nativos refratários aos domínios romanos. Esta linha de raciocínio tem sido proposta para as diferentes regiões do império, da Bretanha (Millett 1992) (Figura 54) às Espanhas (Keay 1994; 1997). Ainda que se deva proceder, com relação a essas generalizações, com precaução, não cabe dúvida que, por alguns séculos, o mundo romano viu surgirem e multiplicarem-se as cidades.

Mesmo nos rincões mais distantes do mundo romano, e em contextos muito diferentes daquela sofisticação urbana que caracterizava a cidade de Roma, com seus fóruns e edifícios magníficos (Figura 55), como o Pantheon (Figura 56), encontramos vida urbana florescente. Uma cidadezinha como *Aquae Sulis* (Bath, Avon, Inglaterra), cujas águas termais (46,5 graus centígrados) levaram à construção de um templo à divindade local Sulis, identificada com Minerva (Johnston 1983: 17), tem produzido uma pletora de documentos epigráficos populares (Figuras 59 a 61). Estes *commonitoria* (“lembretes”), como se denominariam na Antigüidade, segundo uma placa proveniente de Uley, ou *defixiones*, como modernamente são chamadas estas cartas de impreciação, revelam-nos as preocupações de gente humilde, provinciais de nomes celtas, em busca de pequenos objetos furtados. A mais recente folha de chumbo, proveniente de Uley e publicada por Tomlin, trata de luvas (Figura 62):

“Folha dada a Mercúrio, que se vingue pelas luvas que foram perdidas, que retire sangue e saúde de quem as tiver furtado, que faça o que pedimos ao deus Mercúrio... o quanto antes para a pessoa que tiver furtado as luvas” (Tomlin 1996: 439).

O uso do termo vulgar *manecilius*, no lugar do erudito *manica* demonstra tratar-se de um cidadão pobre, seja pelo latim popularesco, seja pelo reclamo de uma peça de valor relativamente baixo. Ainda mais próximo à fronteira do mundo romano, em um acampamento militar, Vindolanda (Figuras 63 e 64), no norte da Inglaterra, local ambíguo, por definição, pois *castrum* não é cidade, mas tampouco é campo, encontramos uma carta da mulher do comandante do acampamento militar, convidando para seu aniversário (Funari 1995c: 186-7), bem como um documento que opõe romanos a bretões (Figura 65):

“...os bretões não andam encouraçados, mas há muitos cavaleiros. Os cavaleiros não usam espadas nem os britúnculos montam para lançar dardos” (Bowman 1994:106).

Em grande parte, o que separava esses *brittunculi* dos soldados era a *romanitas* centrada na cidade, cidade essa que representava uma vida baseada no domínio da escrita e de uma *linguagem* urbana (Humphrey 1991; Desbordes 1995). A ênfase que Wiedemann depositou no caráter militar, punitivo e cruento da arena, como definidor de uma identidade romana conformista e respeitosa da *dura lex*, masculina, talvez deixe pouco espaço para a diversidade de identidades romanas, pois nem mesmo a supremacia e exclusividade de mando patriarcal podem ser aceitas como absolutas ou incontestes. Liisa Savunen (1995) estudou as inscrições eleitorais femininas de Pompéia, contabilizando 54 mulheres que apoiaram 28 candidatos diferentes; neste contexto, seria possível supor que havia uma única identidade romana, capaz de englobar homens e mulheres, ricos e pobre, livres e escravos, citadinos e *agrestes*? Parece preferível supor que diferentes concepções, às vezes contraditórias mas sempre em contato, conviviam, produzindo uma profusão de imagens da própria condição, individual e grupal. Era neste contexto que se podia ser judeu, de fala grega e cidadão romano ao mesmo tempo. Os citadinos podiam produzir uma literatura bucólica, cujos ideais estavam em imagens de um campo imaginário, assim como uma pintura parietal urbana igualmente repleta de referências ao campo (Figura 66). Os numerosos campônios, de tão difícil acesso para o estudioso moderno, dificilmente podiam ignorar que seu mundo era organizado pelos citadinos, tanto o abstrato Estado romano, como o *dominus*, proprietário rural cuja mente, paredes e pisos, refletiam uma vida urbana. A freqüentação das *nundinae*, por sua parte, por parte dos camponeses, periodica-

mente relocalizava o imaginário do campo na cidade. As reflexões recentes da literatura acadêmica em torno da cidade romana, em sua variedade de objetos e abordagens, sugerem que as cidades romanas serão tão melhor entendidas, quanto procurarmos evitar modelos holísticos que tudo explicariam, de maneira definitiva. Voltando ao início deste texto, parece conveniente aceitar uma visão pluralista, que admita que *ou mónon* a cidade era elemento central para os romanos, *allà kai* era diferente, em diferentes lugares e épocas e para diversos grupos sociais. Talvez esta seja a mensagem que os estudos recentes têm a nos oferecer.

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes colegas, que me ajudaram de diversas formas: J.N. Adams, D. Austin, A.K. Bowman, M. Díaz-Andreu, N. L. Guarinello, A. P. Lagopoulos, R. Laurence, M. Shanks. A responsabilidade pelas idéias restringe-se, contudo, ao autor. Este opúsculo não seria possível, ainda, sem o cuidado, em especial na preparação das ilustrações para publicação, da Marilza, do Setor de Publicações, e do Sebastião, da Gráfica, ambos do IFCH, aos quais sou muito grato.

Algumas expressões latinas e gregas utilizadas

Ager: o terreno arado, os terrenos agrícolas de uma cidade.

Agrestes: os moradores do campo.

Bonus uir (plural: *boni uiri*) = *kalòs kagathós* (grego): homem de bem.

Cardo e *decumanus*: linhas norte-sul e leste-oeste, no plano de um assentamento.

Castrum: fortificação, acampamento militar.

Caupona: pequeno estabelecimento comercial, bar.

Cellae meretriciae: aposentos usados para o meretrício.

Ciuis: cidadão.

Ciuitas: “aquilo que é do cidadão”, cidadania, cidade-estado.

Colonia: colônia, cidade composta de cidadãos romanos ou aliados.

Defixio (plural: *defixiones*): “declaração de que está fixo”, maldição.

Dominus: senhor, dono.

Duo genera ciuium: duas categorias de cidadãos, com estatutos jurídicos próprios.

Dura lex: “a dura lei”, parte da expressão *dura lex, sed lex*, “a lei pode ser severa, mas deve continuar sendo obrigatória”.

Ethos: índole, disposição.

Humanitas: “aquilo que é próprio do ser humano”.

Infamia: infâmia, má reputação.

Ingenuus (plural: *ingenui*): homem que, desde o nascimento, é livre (opõe-se a *libertus*, alforriado).

Intra muros: no interior dos muros da cidade.

Lato sensu: em sentido amplo.

Libertus (plural: *liberti*): liberto, forro.

Lupanarium: “local das lobas”, prostíbulo.

Manica: luva.

Munus (plural: *munera*): espetáculos oferecidos na arena.

Nobilis (plural: *nobiles*): nobres, de família que possui antepassados que ocuparam cargos públicos e que tinham o *ius imaginum*, o direito de ter estátuas de cera dos ancestrais.

Nundinae: o dia do mercado, originalmente o “nono dia”.

Odeion ou *Odeum*: edifício público para audições.

Ordo: ordem, neste caso, “câmara municipal”.

Ou mónon... allà kai...: “não apenas...como também”, expressão grega usual para referir-se a dois aspectos de uma questão.

Pedro Paulo Abreu Funari

Patria primigenia: pátria de origem, neste caso, a cidade de Roma.

Popina: restaurante.

Programma (plural: *programmata*): proclamação, neste caso, propaganda eleitoral em forma de cartazes pintados.

Sermus romanus: a língua dos romanos, o latim.

Seruus (plural: *seruui*): escravos.

Spectaculum (plural: *spectacula*): apresentação, local do espetáculo, anfiteatro (quando usado no plural).

Stricto sensu: no sentido próprio e preciso.

Taberna: loja.

Urbanitas: “aquilo que é próprio da *urbs*”.

Urbs: cidade.

Venatio (plural: *uenationes*): caçada, luta com feras.

Villa rustica: fazenda.

Villa: casa de fazenda ou de campo.

REFERÊNCIAS

Autores antigos:

Cícero, *Off.* 1, 40, 145.

Cícero, *Pro Sulla*, 60-62.

Sêneca, *Cons. ad Helviam*, 6.2

Inscrições:

CIL IV, 1293, 8017; 8258-59; 8767; 10237

CIL X, 852

Varone (1994: 20;51)

Autores modernos:

- Adams, J. N. 1994 Latin and Punic in contact? The case of the Bu Njem ostraca, *Journal of Roman Studies* 84: 87-112.
- Allison, P.M. 1995 House contents in Pompeii: data collection and interpretive procedures for a reappraisal of Roman domestic life and site formation processes, *Journal of European Archaeology* 3,1: 145-176.
- Bachechi, L., Fabbri, P.-F., Mallegni, F. 1997 An arrow-caused lesion in a Late Upper Palaeolithic human pelvis, *Current Anthropology* 38, 1: 135-140.
- Bernal, M. 1991 *Black Athena, The Afroasiatic roots of Classical Civilization, vol 1*. London, Vintage.
- Boon, G.C. 1972 *Isca, The Roman Legionary Fortress at Caerleon, Mon.* Cardiff, National Museum of Wales.
- Bowman, A.K. 1994 *Life and letters on the Roman Frontier, Vindolanda and its people*. London, British Museum.
- Cleaver, A. 1996 *From Homer to Harwell*. London, Classical Association.
- Desbordes, F. 1995 *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. Tradução de F.M.L. Moretto e G.M. Machado. São Paulo, Ática.
- Duby, G. 1980 Un nominaliste bien tempéré, *Dialogues*, Paris, Flammarion, 37-66.
- Funari, P.P.A. 1992 *La Cultura Popular en la Antigüedad Clásica*, Écija, Sol.
- Funari, P.P.A. 1992/1993 Resenha de Ling, R., *Roman Painting, Classica* 5/6: 275-278.
- Funari, P.P.A. 1993 Graphic caricature and the ethos of ordinary people, *Journal of European Archaeology* 1,2: 133-150.
- Funari, P.P.A. 1995a Resenha de Laurence, R., *Roman Pompeii, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 5: 335-337.
- Funari, P.P.A. 1995b *Antigüidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos*. Campinas, Editora da UNICAMP.

- Funari, P.P.A. 1995c Romanas por elas mesma, *Cadernos Pagu* 5: 179-200.
- Funari, P.P.A. 1995d Apotropaic symbolism at Pompeii: a reading of the graffiti evidence, *Revista de História* 132: 9-17.
- Funari, P.P.A. 1996 *Dressel 20 Inscriptions from Britain and the Consumption of Spanish Olive Oil: with a catalogue of stamps*. Oxford, Tempus Reparatum, BAR British Series # 250.
- Golden, M. & Toohey, P. 1997 *Inventing Ancient Culture, Historicism, periodization, and the Ancient World*. London, Routledge.
- Guarinello, N. 1985 Análise espacial de um edifício rural de época romana - A villa da localidade de Sette Termini no ager pompeianus, *Dédalo* 24: 207-236.
- Grant, M. 1979 *Cities of Vesuvius*. Harmondsworth, Penguin.
- Humphrey, J.H. 1991 *Literacy in the Roman world*. Ann Arbor, Journal of Roman Archaeology supplementary series number 3.
- Johnston, D.E. 1983 *Discovering Roman Britain*. Aylesbury, Shire.
- Keay, S. 1994 Innovation and adaptation: the contribution of Rome to urbanism in Iberia, *Proceedings of the British Academy* 86: 291-337.
- Keay, S. 1997 Urban transformation and cultural change, in M. Díaz-Andreu & S. Keay (eds), *The Archaeology of Iberia, The dynamics of change*, London, Routledge, 192-210.
- Lagopoulos, A.P. 1995/6 Semiotics and archaeology, the symbolic meaning of art and space in imperial Rome, *Revista de História da Arte e Arqueologia* 2: 9-17.
- Laurence, R. 1993 Review, *Journal of Roman Studies* 83: 227-229.
- Laurence, R. 1994 *Roman Pompeii, Space and Society*. London, Routledge.
- Laurence, R. 1995 Review, *Journal of Roman Studies* 85: 313-314.
- Laurence, R. 1996a The organization of space in Pompeii, in T.J. Cornell & K. Lomas (eds), *Urban Society in Roman Italy*, London, UCL, 63-78.

- Laurence, R. 1996b Ritual, landscape, and the destruction of place in the Roman imagination, in J.B. Wilkins (ed.), *Approaches to the Study of Ritual, Italy and the Ancient Mediterranean*, London, Accordia Research Centre, 111-121.
- Ling, R. 1991 *Roman Painting*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Lo Cascio, E. 1996 Pompei dalla città sannitica alla colonia sillana: le vicende istituzionali, in *Les élites municipales de l'Italie des Gracques à Néron*, Rome, EFR, 111-123.
- Los, A. 1996 Les fils d'affranchis dans l'ordo Pompeianus, in *Les élites municipales de l'Italie des Gracques à Néron*, Rome, EFR, 145-152.
- Maiuri, A. 1949 *Pompéi*. Roma, La Libreria dello Stato.
- Mouritsen, H. 1996 Order and disorder in Late Pompeian politics, in *Les élites municipales de l'Italie des Gracques à Néron*, Rome, EFR, 139-144.
- Purcell, N. 1996 The Roman *uilla* and the landscape of production, in T.J. Cornell & K. Lomas (eds), *Urban Society in Roman Italy*, London, UCL, 151-179.
- Robert, L. 1940 *Les gladiateurs dans l'Orient grec*. Paris, PUF.
- Rothe, C. 1978 *Humanitas, fides und Verwandtes in der römischen Provinzialpolitik. Untersuchungen zur politischen Funktion römischer Verhaltensnormen bei Cicero*. Berlin, Akademie Verlag.
- Savunen, L. 1995 Women and elections in Pompeii, in R. Hawley & B. Levick (eds), *Women in Antiquity*, London, Routledge, 207-219.
- Shanks, M. & Hodder, I. 1995 Processual, postprocessual and interpretive archaeologies, in I. Hodder, M. Shanks, A. Alexandri, B. Buchli, J. Carman, J. Last, G. Lucas (Eds), *Interpreting Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, 3-29.
- Simons, A. 1997 Two perspectives on war and its beginnings, *Current Anthropology* 38, 1: 149-151.
- Thorpe, M. 1995 *Roman Architecture*. Bristol, Bristol Classical Press.

- Tomlin, R.S.O. 1988 The curse tablets, in B. Cunliffe (ed.), *The Temple of Sulis Minerva at Bath, volume 2, the finds from the Sacred Spring*, Oxford, Oxford University Committee for Archaeology, 59-278.
- Tomlin, R.S.O. 1996 Inscription, *Britannia* 27: 439-441.
- Varone, A. 1994 *Erotica Pompeiana, Iscrizioni d'amore sui muri di Pompei*. Roma, L'Erma di Bretschneider.
- Vivolo, F.P.M. 1994 *Pompei, i graffiti figurati*. Napoli, Bastogi.
- Wallace-Hadrill, A. 1996 Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii, in T.J. Cornell & K. Lomas (eds), *Urban Society in Roman Italy*, London, UCL, 39-62.
- Ward-Perkins, J. & Claridge, A. 1976 *Pompei AD 79*. London, Carlton.
- Whittaker, C.R. 1996 Do theories of the ancient city matter?, in T.J. Cornell & K. Lomas (eds), *Urban Society in Roman Italy*, London, UCL, 9-26.
- Wiedemann, T. 1995 *Emperors and gladiators*. London, Routledge.
- Zanker, P. 1990 *The Power of Images in the Age of Augustus*. Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- Zevi, F. 1996 Pompei dalla città sannitica alla colonia sillana: per un'interpretazione dei dati archeologici, in *Les élites municipales de l'Italie des Gracques à Néron*, Rome, EFR, 125-138.

FIGURAS

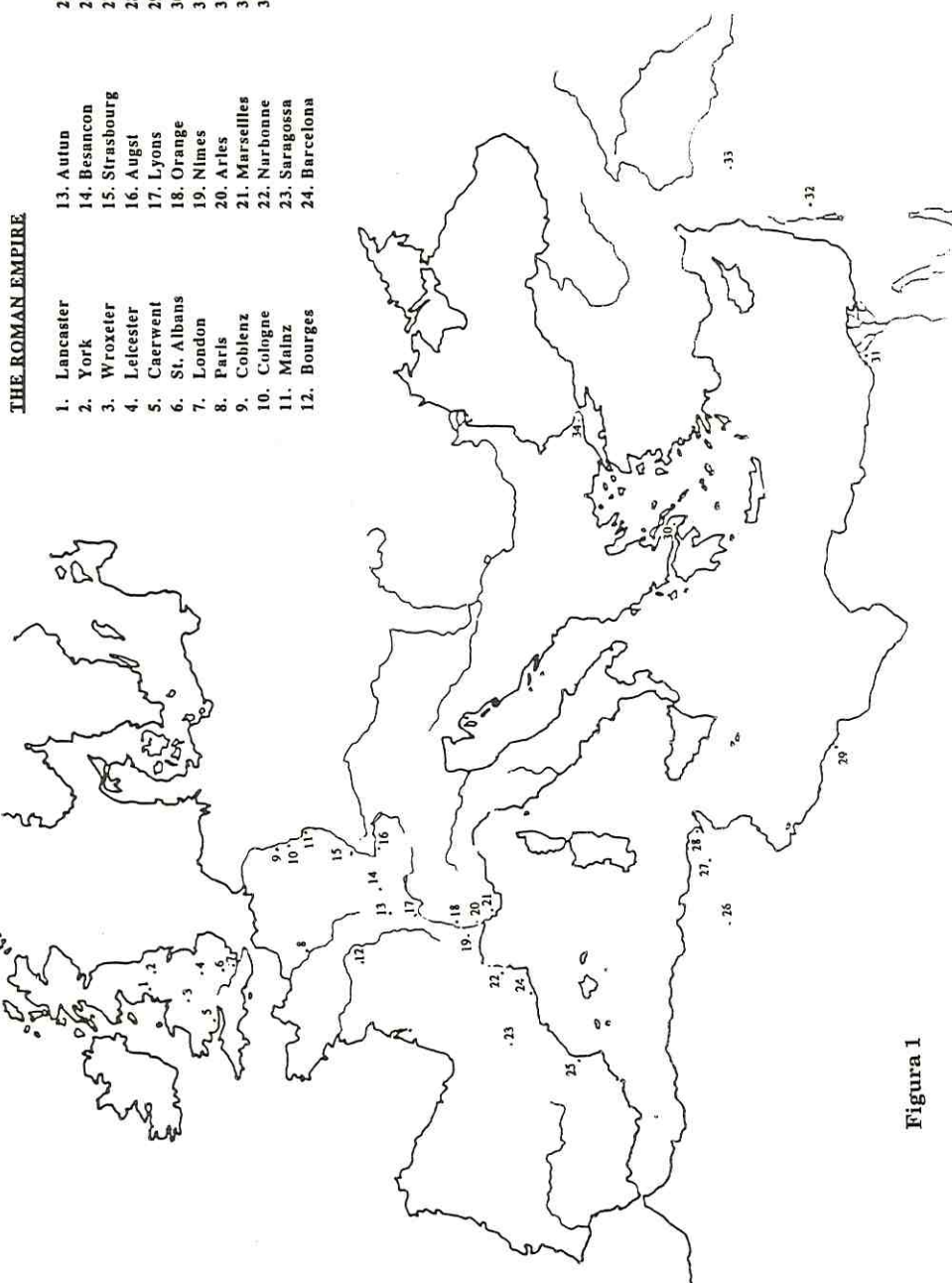
1. Cidades do império romano (Thorpe 1995: 107).
2. Plano do térreo da Villa de Sette Termini, no *ager pompeianus* (Guarinello 1985:229, fig. 1); note-se o convívio das partes produtivas ou rústicas com a *pars urbana* (cf. Purcell 1996).
3. Filósofo, Villa de Públio Fânio Sinistor, Boscoreale, Museu de Nápoles (Grant 1979: 161); presença urbana nas pinturas parietais rurais.

4. Cenas da *Villa di Dar Buc Amméra* (Zliten, Líbia), com representação de *uenatio*, execuções, gladiadores, acompanhamento orquestral (Wiedemann 1995: fig. 5).
5. Mapa da Campânia romana (Ward-Perkins & Claridge 1976: 14).
6. Uma rua de Pompéia (Ward-Perkins & Claridge 1976: 45).
7. Casa de Salústio, segundo século a.C. e em 79 d.C. (Ward-Perkins & Claridge 1976: 47).
- 8 a 17. Pinturas parietais pompeianas dos quatro estilos (Ward-Perkins & Claridge 1976: 68-71).
18. Inscrição em mármore com anúncio das Termas de M. Crassus Frugi; 1.15x57 cm; Museu de Nápoles, encontrada em 1749, reutilizada em um santuário, logo após a Porta de Herculano. *Thermae Marci Crassi Frugi aqua marina et balneum aqua dulci Ianurius libertus*, “Termas de Marco Crasso Frugi, água do mar e água doce para banho, Januário, liberto”. A inscrição parece ser uma anúncio, no acesso à cidade, das Termas, colocada pelo liberto encarregado da sua manutenção (Ward-Perkins & Claridge 1976: n.228).
19. Propaganda eleitoral e anúncios de *munera*, em paredes de uma rua que leva ao anfiteatro de Pompéia (Grant 1979: 207).
20. Mapa de Pompéia (Ward-Perkins & Claridge 1976: 43).
21. Complexo teatral de Pompéia (Ward-Perkins & Claridge 1976: 63).
- 22 e 23. Desenho que representa o anfiteatro de Pompéia quando de uma briga entre nucerinos e pompeianos, em 59 d.C. (Museu de Nápoles); grafite de um gladiador triunfante, após a rixa de 59 d.C.: *campani uictoria una cum nucerinis peristis*, “Campânios, vocês também foram destruídos com a vitória sobre os nucerinos”, CIL IV, 1293 (Ward-Perkins & Claridge 1976: 35).

- 24 a 26. Distribuição de bordéis, *cauponae* e *popinae*, em Pompéia, segundo Laurence (1994: 77, 82, 83).
- 27 a 28. Distribuição de bares, hospedarias etc, segundo La Torre, a partir de uma definição mais ampla do que aquela proposta por Laurence e Wallace-Hadrill (1995:44).
29. Ruas de comportamento “desviante”, segundo Laurence (1994: 85).
30. Pompéia, lupanar de dois andares, VII, 12, 18 (Varone 1994: fig. 25).
31. Pompéia, grafite CIL IV, 8329 (Funari 1995b: 125-127, fig. 14 e 18).
32. Exemplo de grafite pompeiano, feito por popular, sem o controle de autoridades ou proprietários: *felicem somnum qui tecum nocte quiescet, hoc ego si facere, multo felicior esse. Vasia quae rapui, quaeris formosa puella; accipe quae rapui non ego solus; ama. Quisquis amat ualeat*, “Quem passará a noite contigo, em um sono feliz? Ah, se fosse eu! Seria muito mais feliz”, “Bela garota, pedes satisfação pelos beijos que te roubei: não fui o único que o fiz! Aceita e ama. Viva, quem ama!” (Varone 1994: 20, 51, fig.4).
33. Grafite CIL IV, 8767: *Floronijs binet ac miles leg. uii hic fuit, neque mulieres scierunt, nisi paucae, et ses, erunt*, “Florônio, garanhão e soldado da sétima legião, esteve aqui, mas as mulheres não notaram: eram poucas, apenas seis!” (Funari 1993: 134; Funari 1995d: 13, fig. 13).
34. Grafites CIL IV, 8258-59 (Funari 1992: 23).
- 35 a 38. Grafites inéditos e anepigráficos referentes a gladiadores ou caçadores, publicados por Vivolo (1994: 17, 33,35,40,41,42,43,44,45,48,49,50,51,52,53).
40. CIL IV, 8017 (Funari 1993: 143, 145).

41. CIL IV, 10237 e traços na composição dos grafites CIL IV, 8017 e 10327 (Funari 1993: 144).
42. Roma, Coliseu, corte e visão seccional (Thorpe 1995: 54,55).
43. Roma, Coliseu, exterior sem colunas aparentes e sistema de escadas e corredores (Thorpe 1995: 56, 57).
44. Localização da cidade de Isca, fundada em c. 75 d.C., no País de Gales (Boon 1972: 19).
45. Anfiteatro de Isca, períodos I e II (Boon 1972: 90).
46. Anfiteatro de Isca, períodos II e III (Boon 1972: 91).
47. Vestígios visíveis do anfiteatro de Isca (Boon 1972: 92).
48. Representações de seres humanos atingidos por armas, em paredes de cavernas paleolíticas (Bachechi, Fabbri, Mallegni 1997: 136).
49. Roma, via Statilia, tumbas de libertos romanos, ca. 100-80 a.C. (Zanker 1990: 15).
50. Roma, ante à Porta Maggiore, tumba do liberto M. Vergilius Eurysaces, dono de grande padaria, ca. 40-30 a.C. (Zanker 1990: 16).
51. Roma, via Appia, tumba de Caecilia Metella, c. 30 c.C. (Zanker 1990:17).
52. Imagens de Puteoli e Baiae em frascos de vidro: a-c Puteoli; d-e Puteoli e Baiae; a. Praga; b. Pilkington; c. Odemira; d. Populonia ou Corning; e. Ampurias (Laurence 1996: 118).
53. Planos de Aosta, de Poseidonia (Paestum) e de Timgad (Thorpe 1995: 18, 19, 25).
54. Modelos de desenvolvimento urbano (Millet 1992: 75).
55. Foros imperiais, em Roma (Thorpe 1995: 36).

56. Roma, Pantheon (Thorpe 1995: 1, 2).
57. Interior do Pantheon (Thorpe 1995: 3).
58. Estrutura, materiais de construção e secção do Pantheon, 1735 (Thorpe 1995: 5-8).
59. Carta proveniente de Bath (Funari 1995b: 52).
60. Carta proveniente de Bath (Funari 1995b: 53).
61. Carta proveniente de Bath (Funari 1995c: 53-54).
62. Placa metálica proveniente de Uley (Tomlin 1996: 440).
63. Fronteira setentrional romana na Bretanha em c. 90 d.C. e em c. 105 d.C. (Bowman 1994: 146).
64. Sítios principais do norte da Bretanha romana (Bowman 1994: 147).
65. Memorando sobre os britúnculos (Bowman 1994: 152).
66. Pintura parietal, proveniente de Pompéia, local exato desconhecido, agora no Museu de Nápoles (50x49 cm); paisagem em quarto estilo, com um santuário rústico idealizado; avista-se um pastor (Ward-Perkins & Claridge 1976: n. 136).



THE ROMAN EMPIRE

- | | | |
|---------------|----------------|--------------------|
| 1. Lancaster | 13. Autun | 25. Valencia |
| 2. York | 14. Besancon | 26. Tingad |
| 3. Wroxeter | 15. Strasbourg | 27. Dugga |
| 4. Leicester | 16. Augst | 28. Carthage |
| 5. Caerwent | 17. Lyons | 29. Leptis Magna |
| 6. St. Albans | 18. Orange | 30. Athens |
| 7. London | 19. Nîmes | 31. Alexandria |
| 8. Paris | 20. Arles | 32. Jerash |
| 9. Coblenz | 21. Marselles | 33. Palmyra |
| 10. Cologne | 22. Nurbonne | 34. Constantinople |
| 11. Mainz | 23. Saragossa | |
| 12. Bourges | 24. Barcelona | |

Figure 1

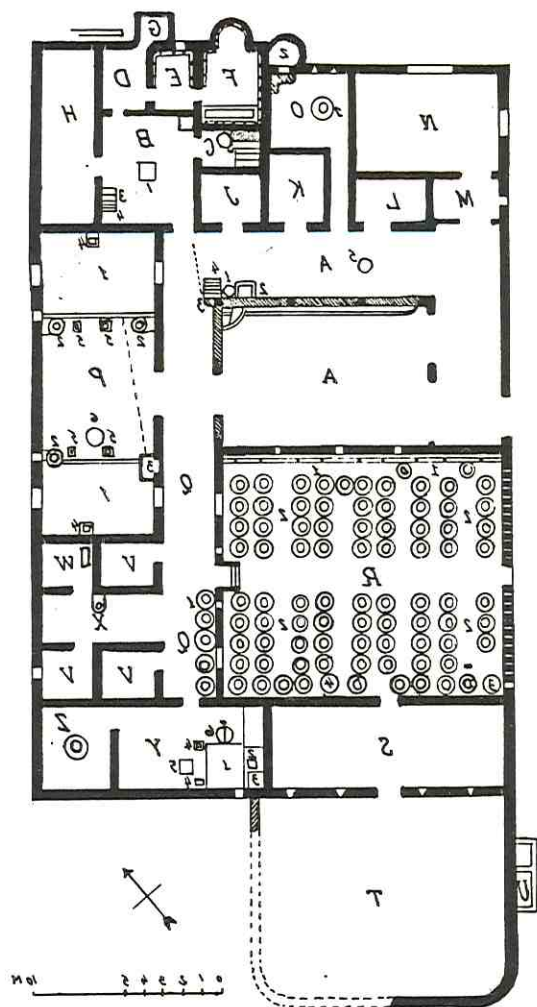


Figura 2 - Plano da uilla

LEGENDA

- I - Área Senhorial:** MN - vestibulo e triclinio. LK - quartos pequenos com decoração parietal. DG - aparelho thermal, rica decoração parietal e musiva. Aquecedor em C.A' - Quarto sobre o pátio. S'W' - aposentos decorados e mobiliados do segundo andar.
- II - Área doméstica:** O - pistrinum, com moinho e forno. J - depósito de ferramentas. B - cozinha com fogão central (1) e tanque d'água (2). H - estábulo para gado miúdo e depósito de lenha. Sobre B, depósito de alimentos.



Figura 3 - *Filósofo, Villa de Públio Fânio Sinístor, Boscoreale, Museu de Nápoles.*

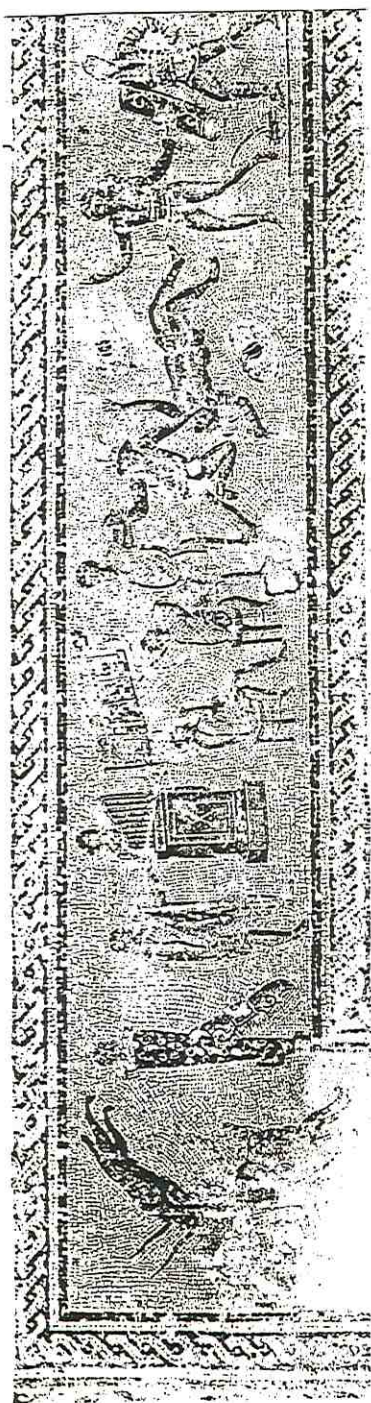




Figura 4

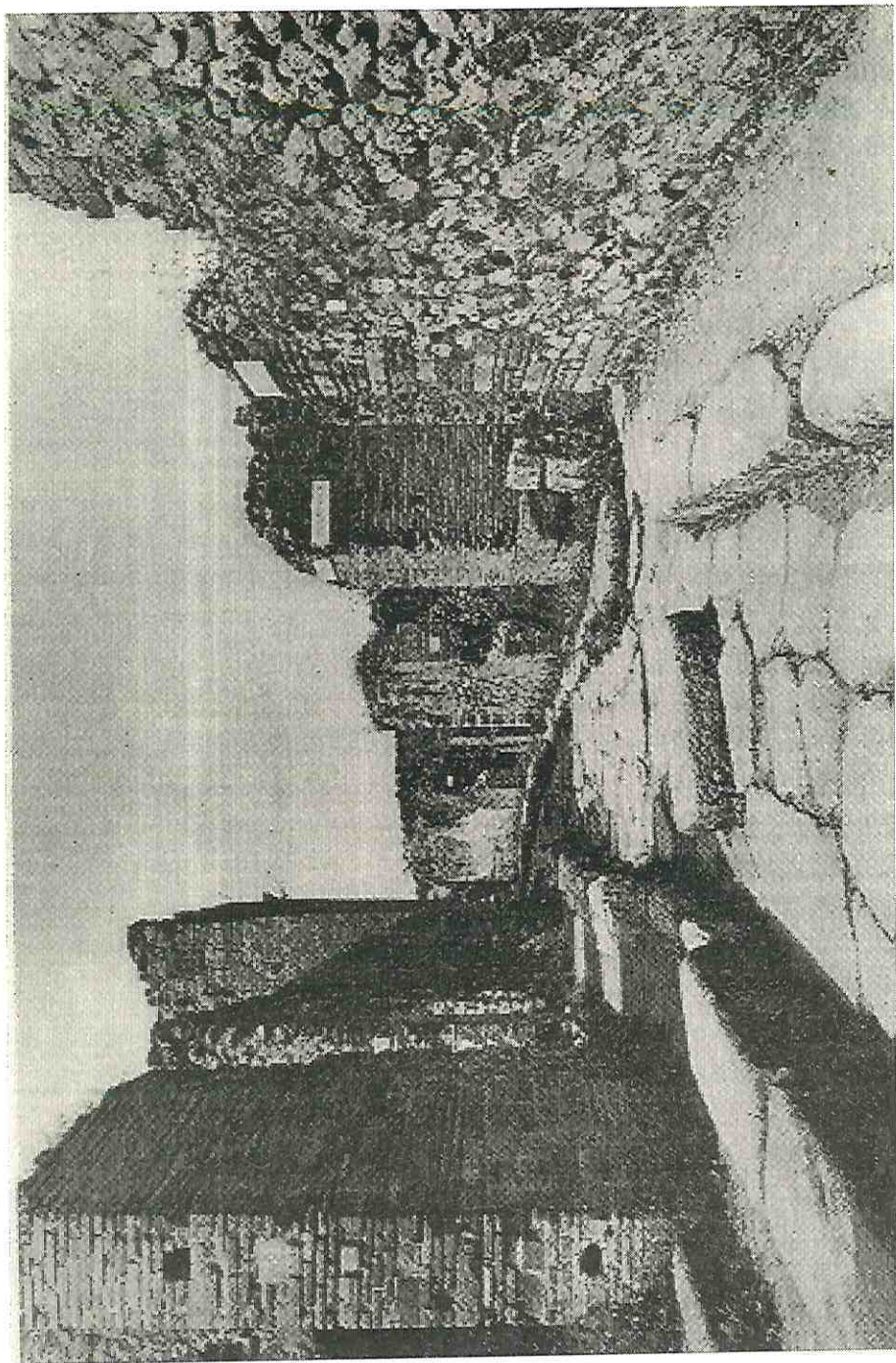


Figura 6 - *Uma rua de Pompéia.*

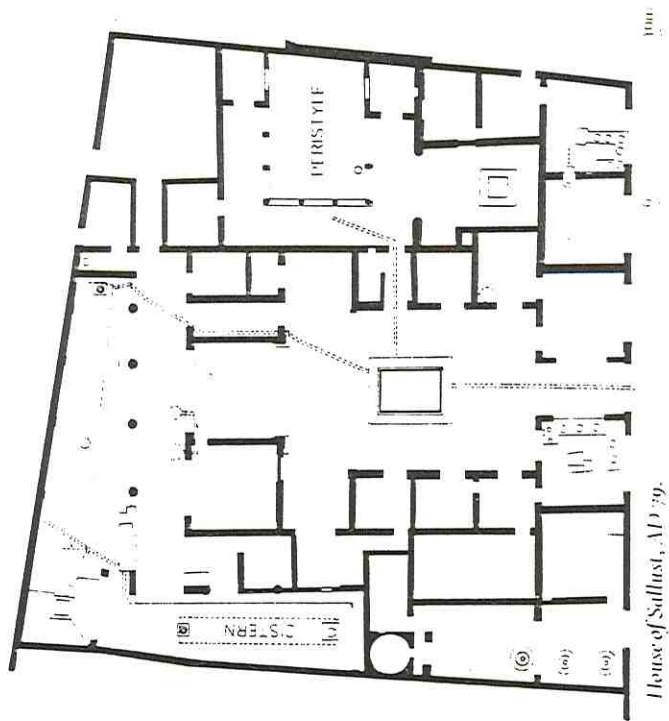
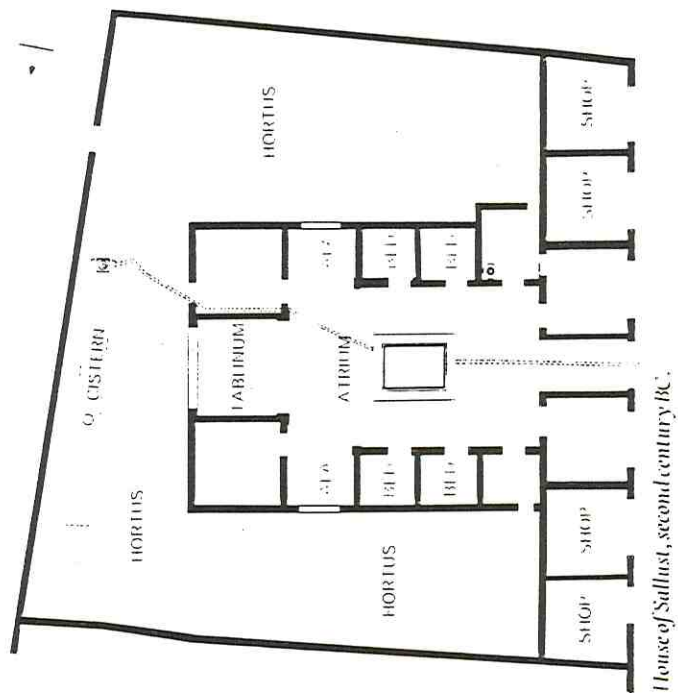


Figure 7



Figure 8 - *Tablinum wall in the House of Sallust. First Style.*

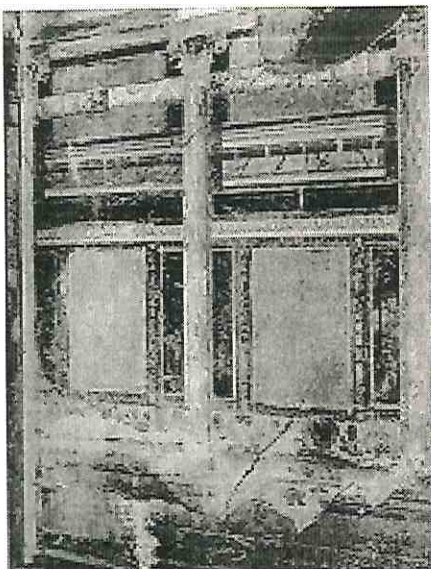


Figura 9 - *Cubiculum in the House of the Silver Wedding, Second Style (IIA).*

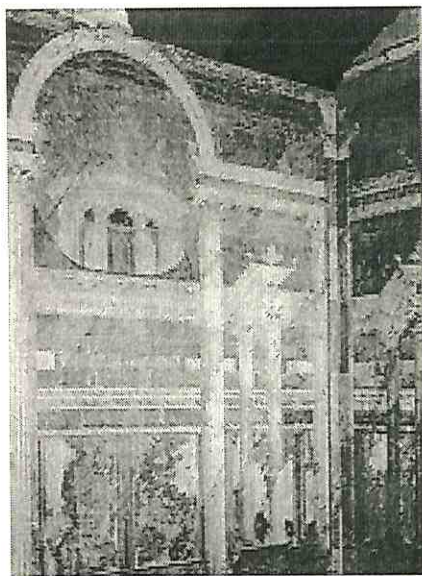


Figura 10 - *Cubiculum in the Villa of the Mysteries, Later Second Style (IIB).*

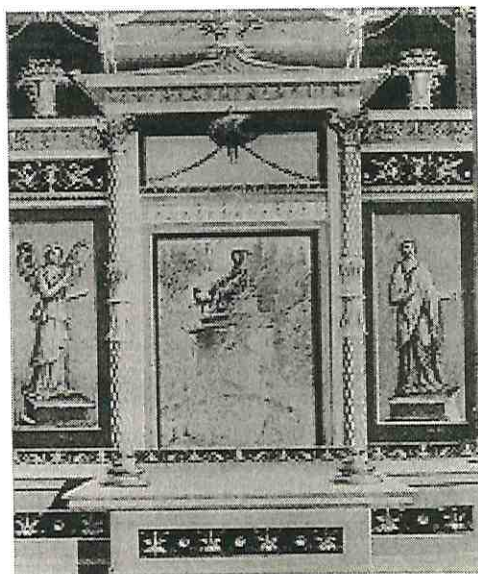


Figura 11 - *Cubiculum in the House of the Epigrams (from a drawing), Later Second Style (IIB).*

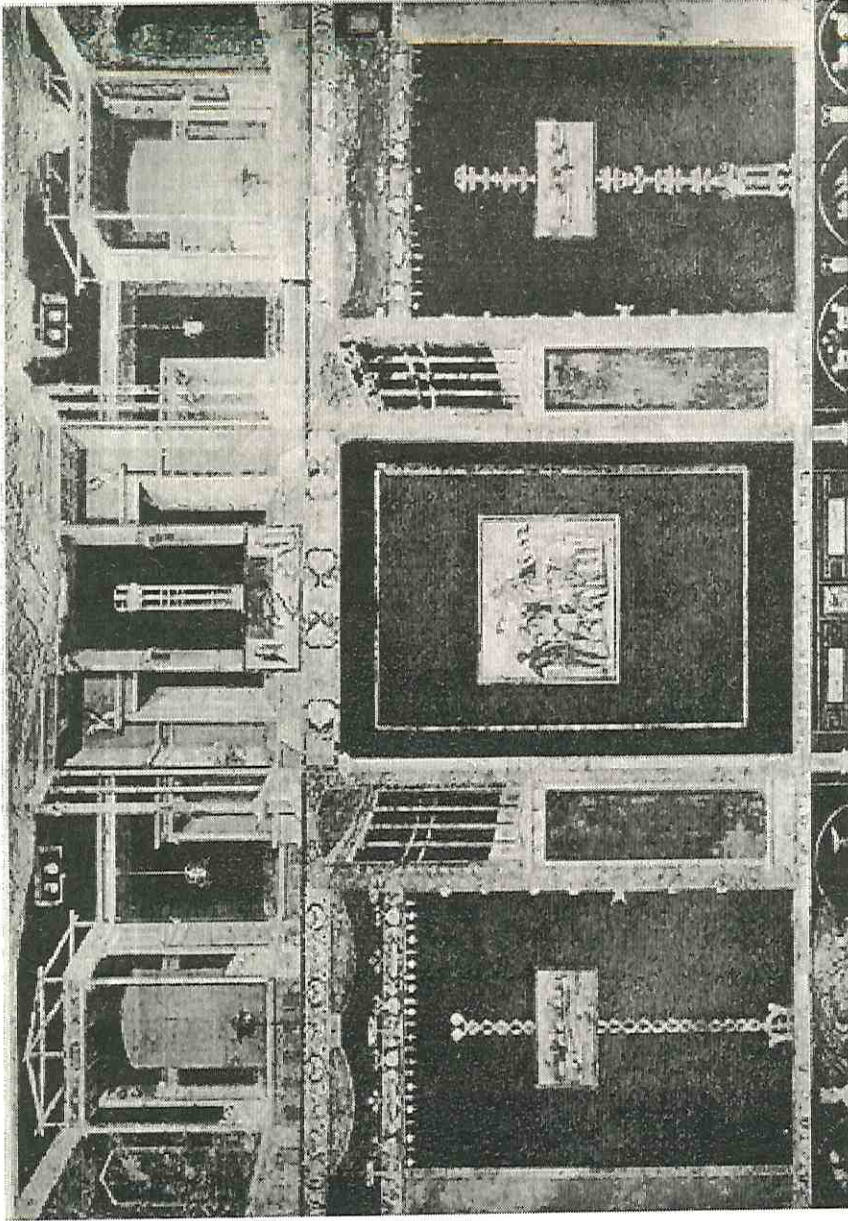


Figure 12 - *Tablinum wall in the House of M. Lucretius Fronto. Late Third Style.*

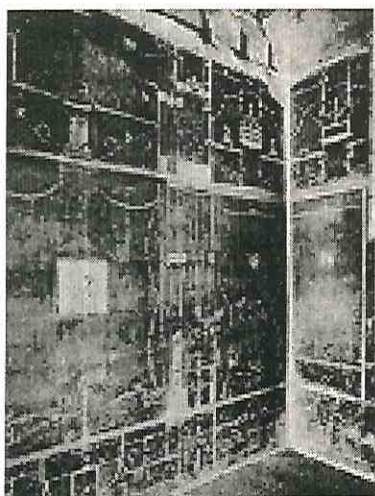


Figura 13 - *House of the Red Walls* (VIII, 5, 37). *Early Fourth Style*

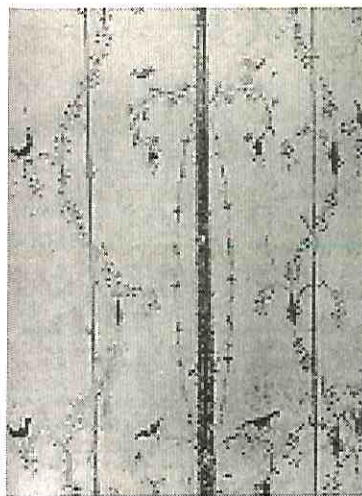


Figura 14 - *House of the Centenary*, detail of wall in the white dining room. *Early Fourth Style*

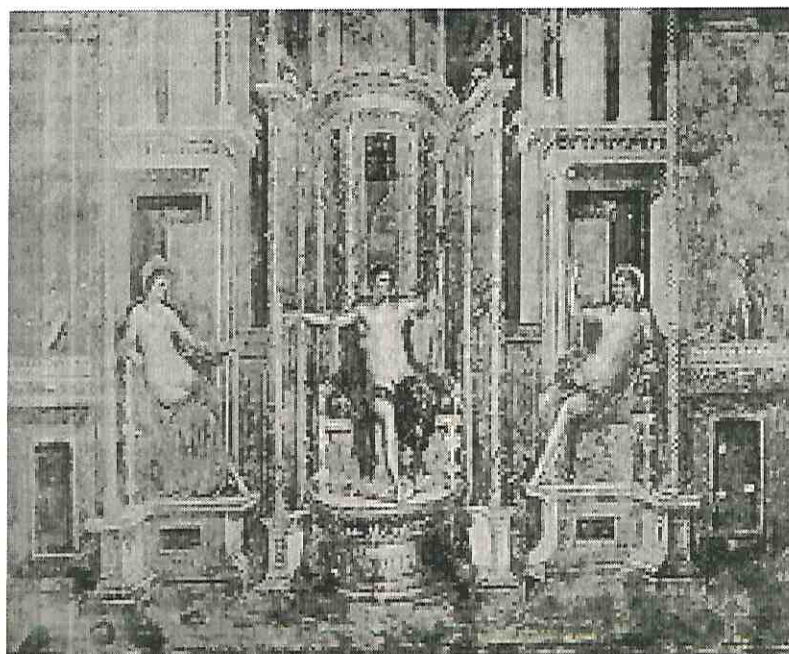


Figura 15 - *House of the Apollo* (VI, 7, 23).

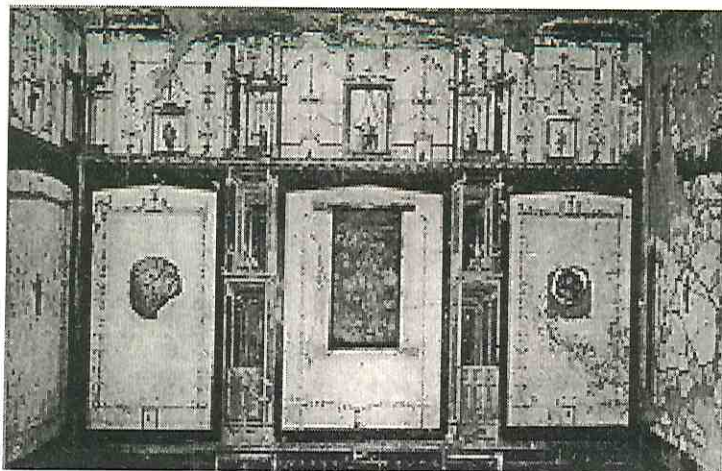


Figura 16 - *House of 'Loreius Tiburtinus' (II, 2,2-5).*

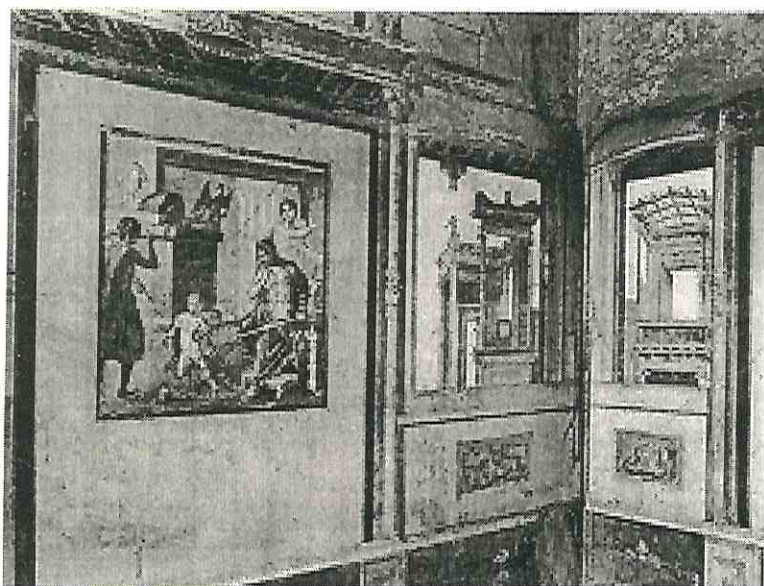


Figura 17 - *South triclinium in the House of the Vettii (VI, 15,1).*

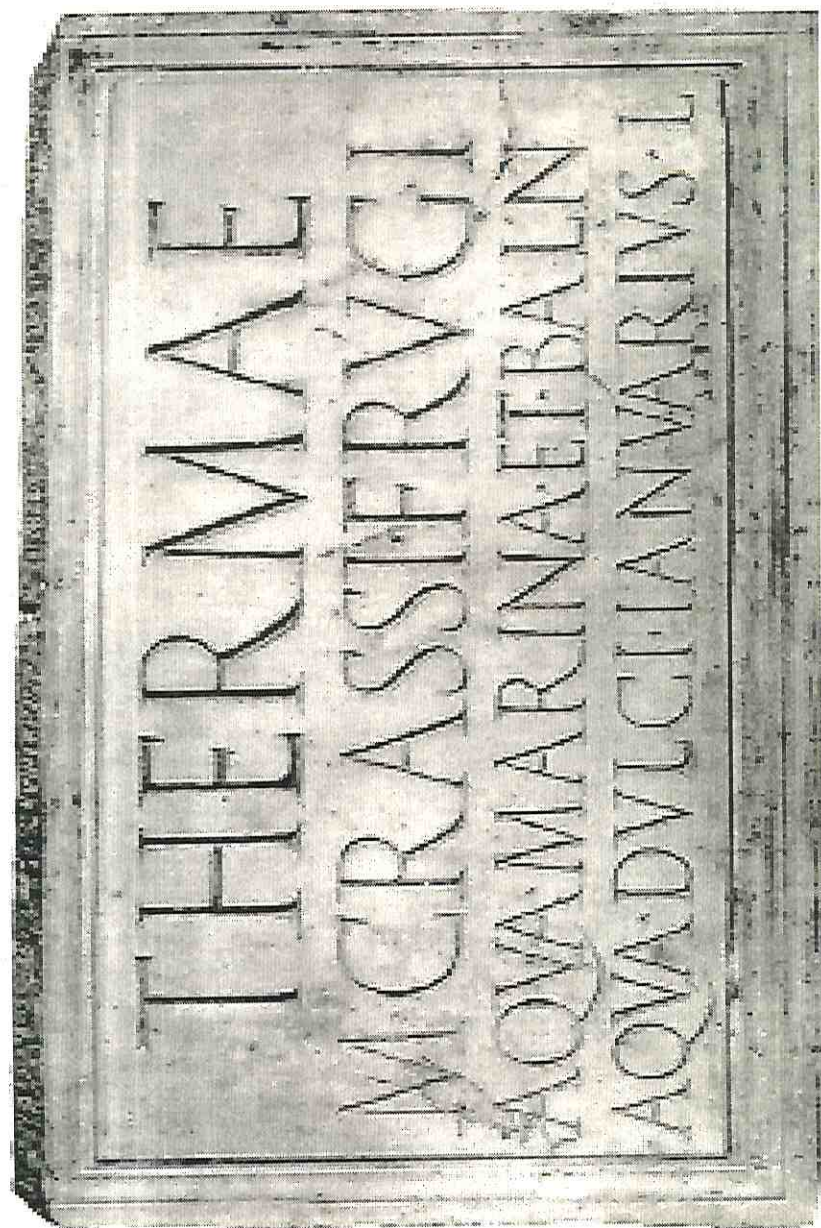


Figura 18 - Inscrição em mármore com anúncio das Termas de M. Crassus Frugi.

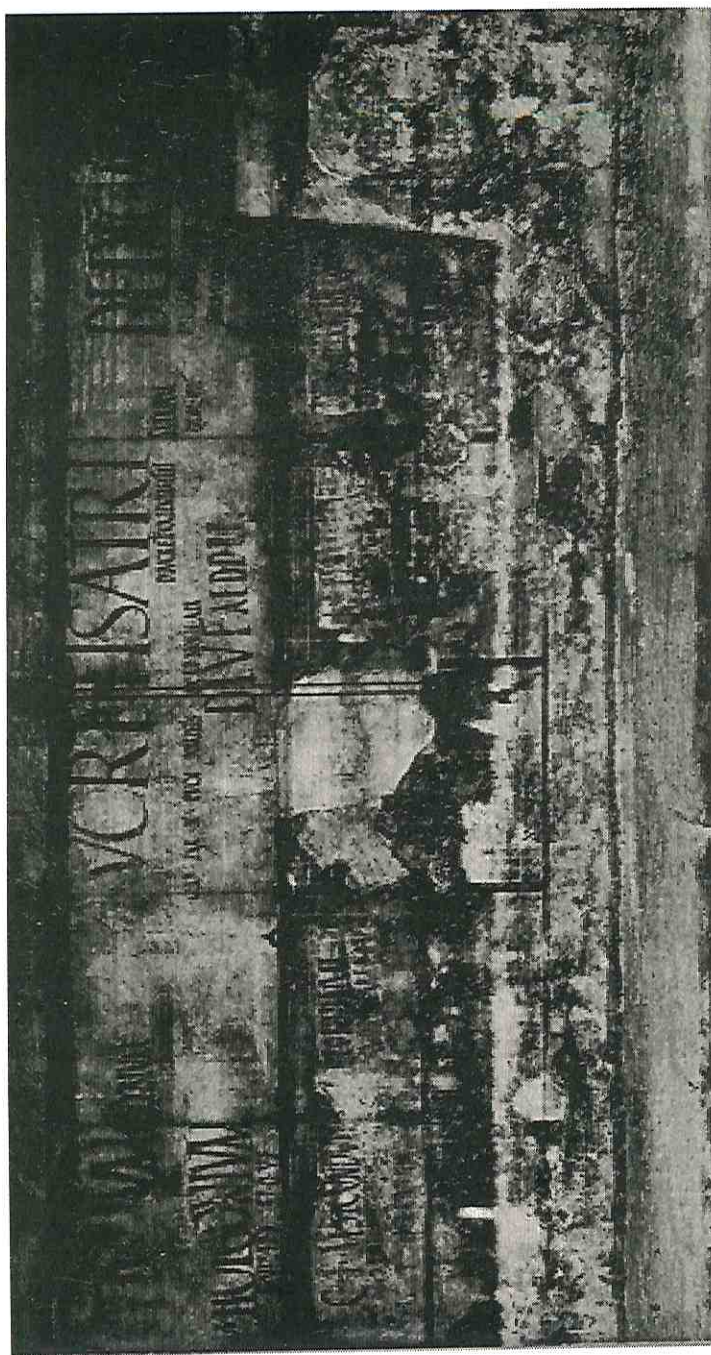


Figura 19 - *Propaganda eleitoral e anúncios de muneru, em paredes de uma rua que leva ao anfiteatro de Pompéia.*

1. Forum.
2. Temple of Venus.
3. Forum Baths.
4. House of the Tragic Poet.
5. House of Sallust.
6. Villa of Diomedes.
7. Villa of the Mysteries.

8. Temple of Fortuna Augusta.
9. House of the Faun.
10. Insula vi, 13.
11. House of the Vetii.
12. House of the Gilded Amorini.
13. Fullery.
14. House of the Silver Wedding.

15. Central Baths.
16. House of the Centenary.
17. Bakery of Modestus.
18. Stabian Baths.
19. Temple of Isis.
20. Theatres (see p. 62).
21. House of the Menander.

22. Caupona of Euxinus.
23. House of the Ship 'Europa'.
24. House of Julius Polybius.
25. House of Pinarius Cerialis.
26. House of 'Loreius Tiburtinus'.
27. 'Prædia' Julia Felix.
28. Palæstra.

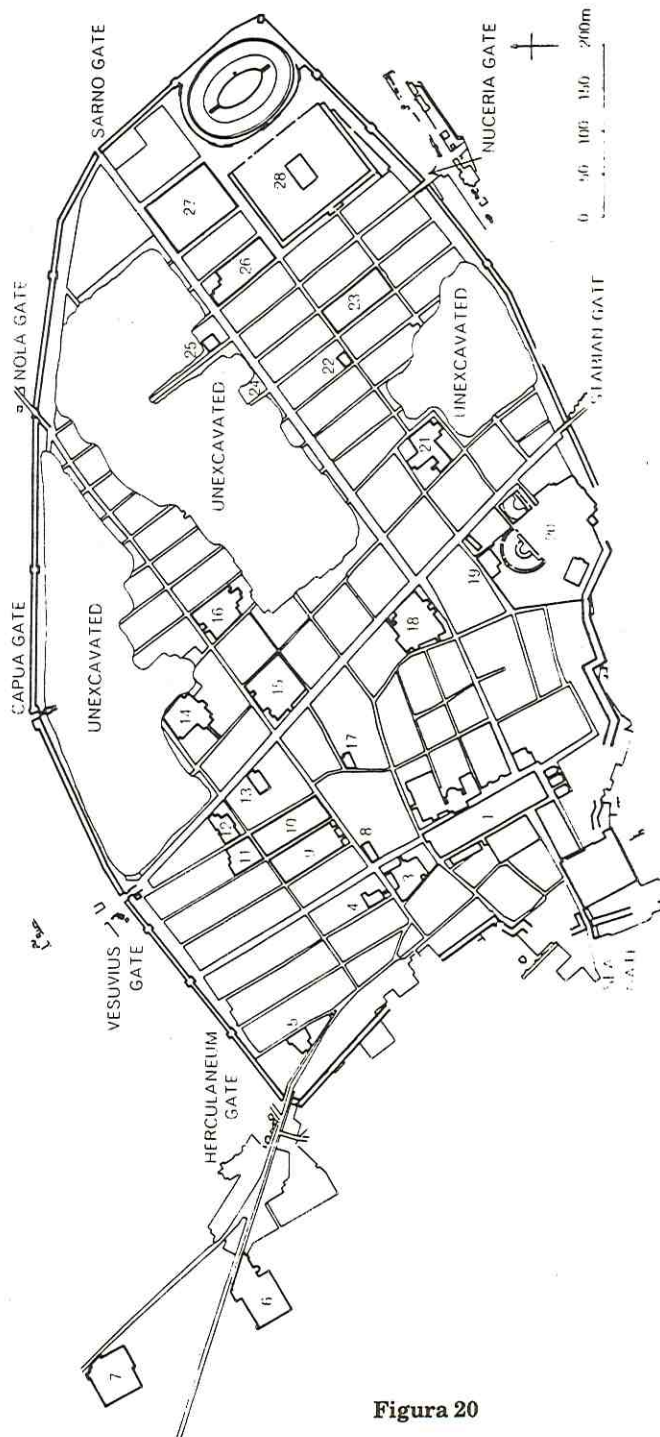
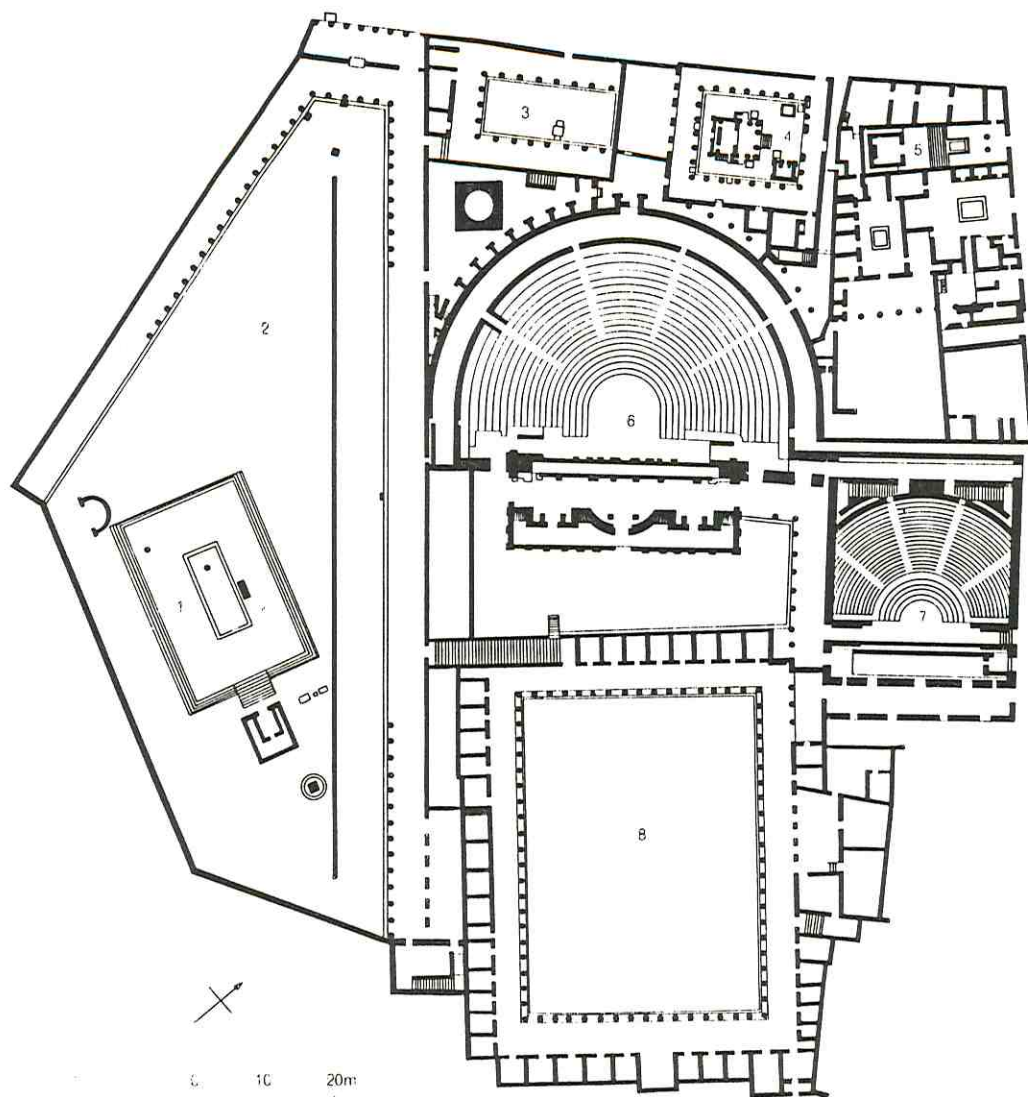


Figura 20



Theatre complex

1. Temple of Hercules (Doric Temple).
2. Triangular Forum.
3. Samnite palaestra.
4. Temple of Isis.
5. Temple of Zeus Meilichios.
6. Large theatre.
7. Covered theatre (Odeum)
8. Gladiators' barracks.

Figura 21

The Amphitheatre riot of AD 59,
Naples Museum.

Graffito of a triumphant
gladiator, drawn by a Pompeian
after the riot of AD 59. 'Campani
(probably the inhabitants of a
suburb of Pompeii) you too were
destroyed in the victory over the
Nucerians.'

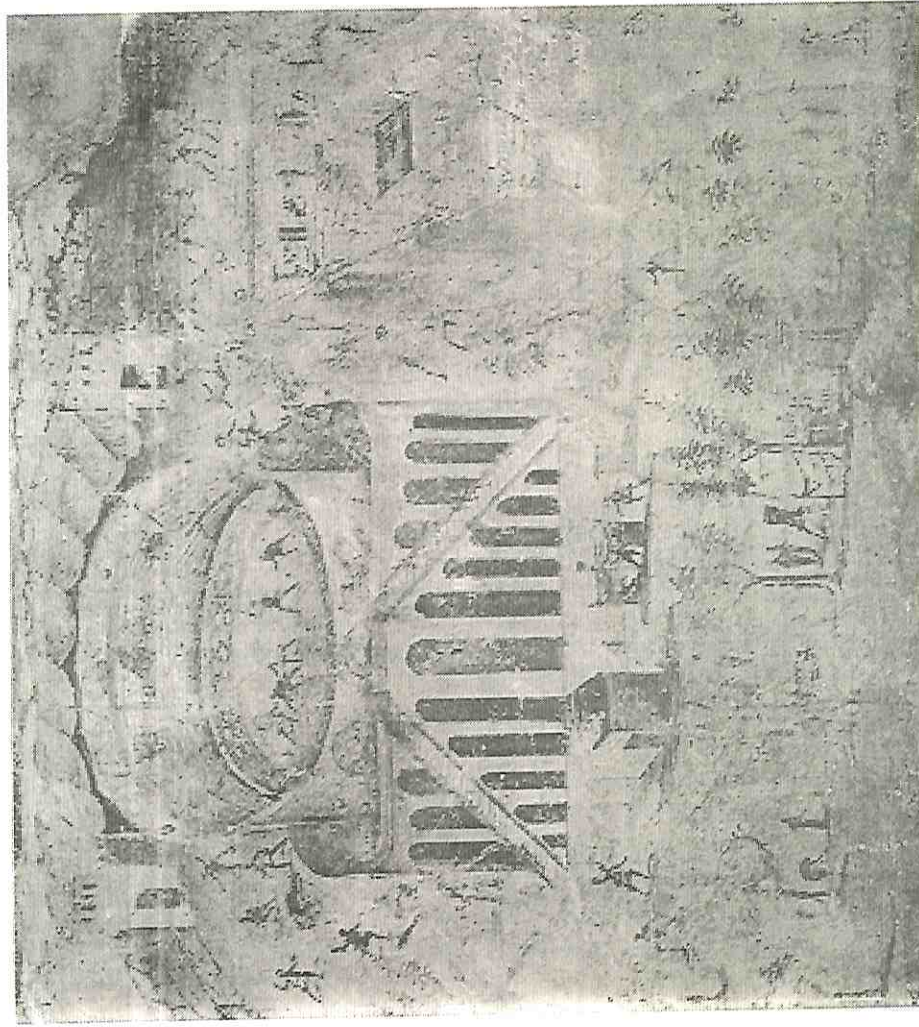
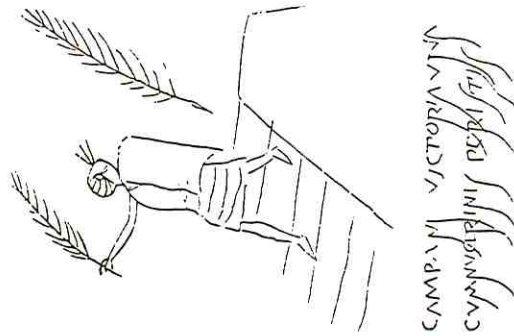
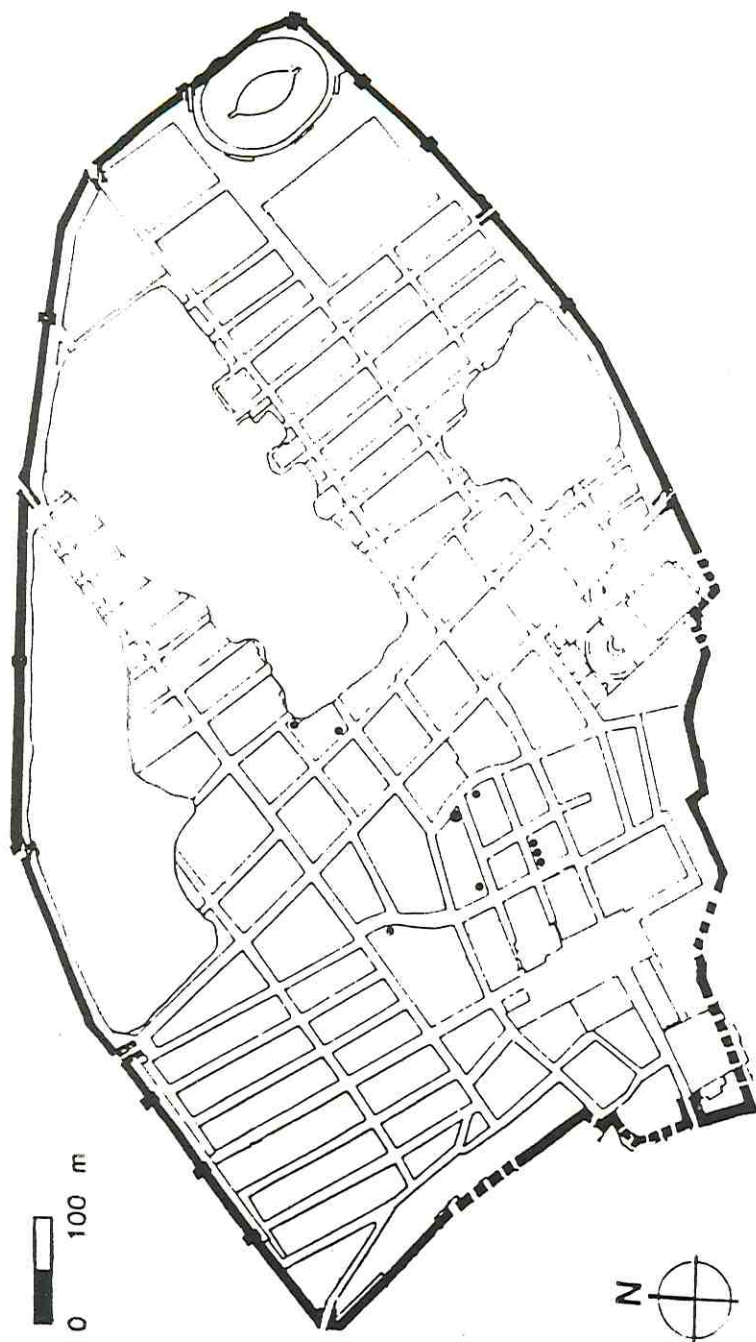
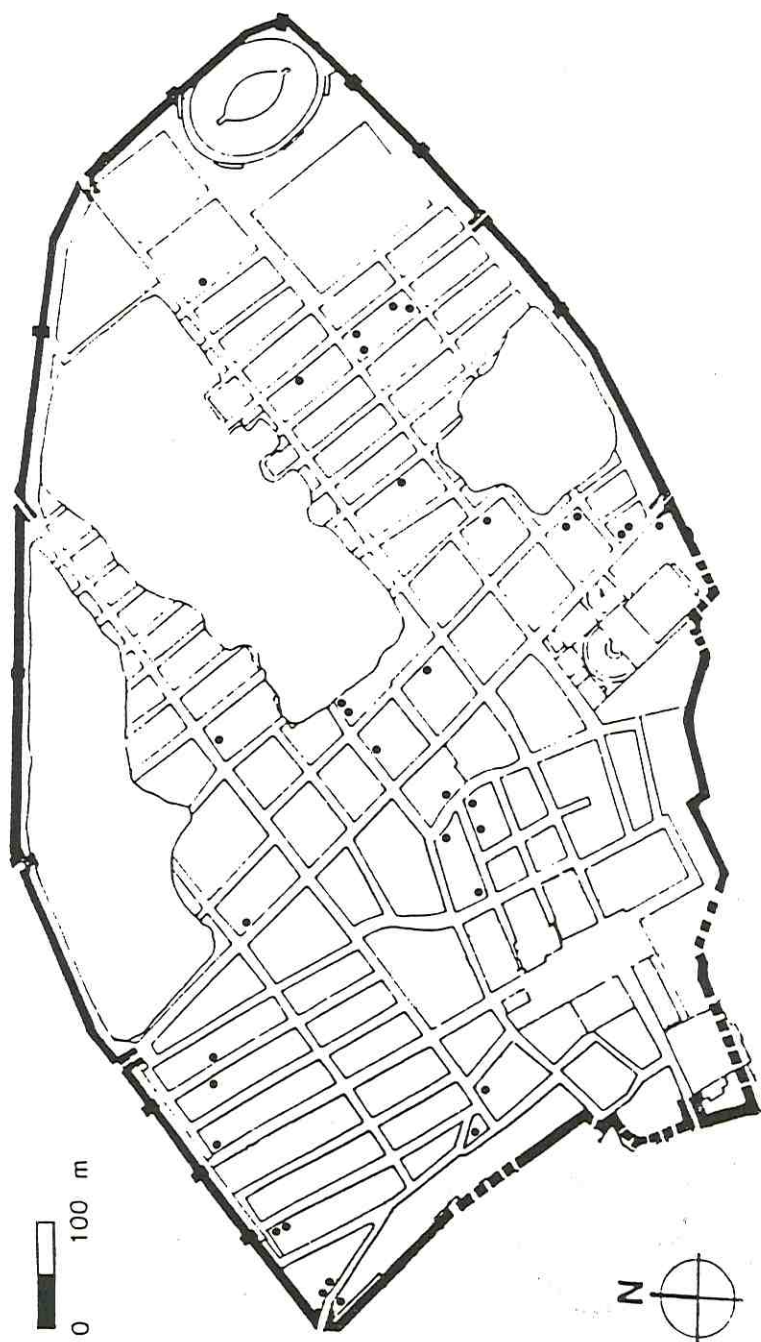


Figura 23



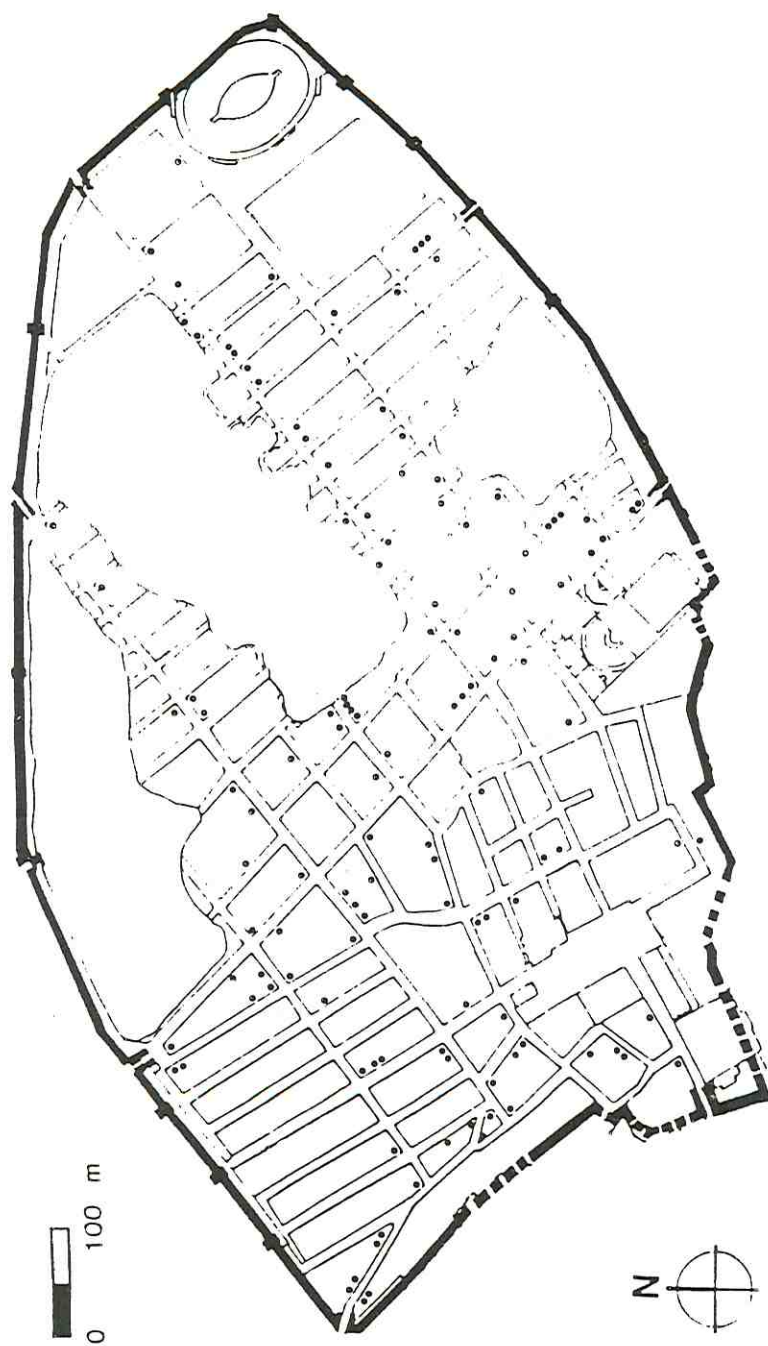
Map 5.1 The distribution of brothels

Figura 24



Map 5.2 The distribution of *cauponiae*

Figura 25



Map 5.3 The distribution of *popinae*

Figura 26



Figure 3.1 Distribution of shops in Pompeii (after Eschebach).

Figura 27

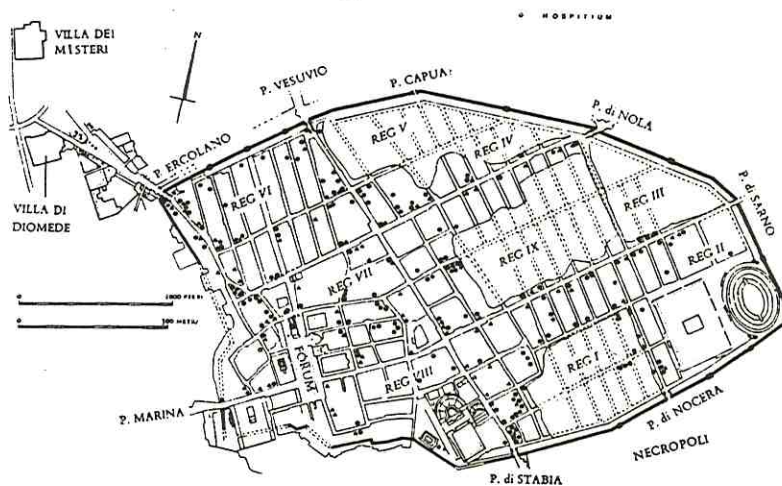
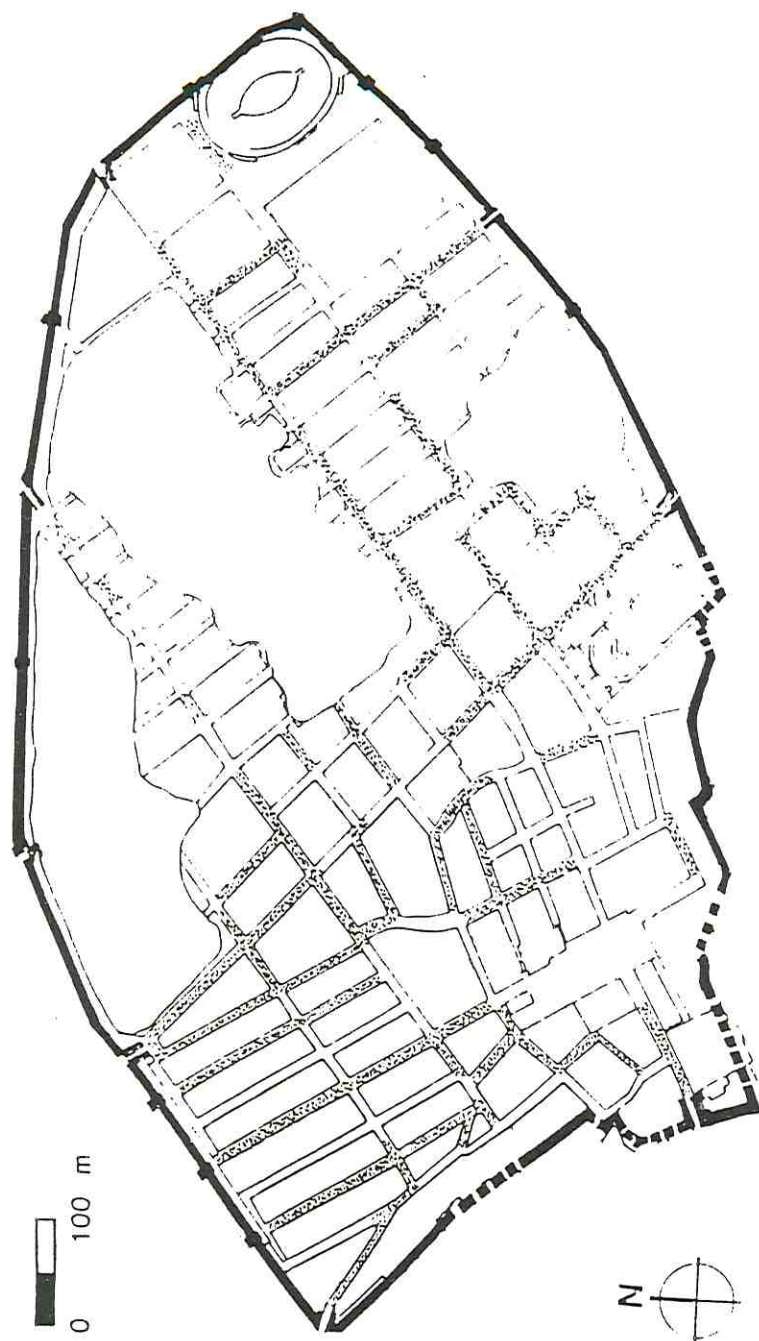


Figure 3.2 Distribution of bars, inns, etc. in Pompeii, according to La Torre (*Pompeii: L'informatica al servizio di una città antica*, p. 77, Fig. 1). • caupona; ▲ thermopolium; * hospitium.

Figura 28



Map 5.4 Deviant streets

Figura 29

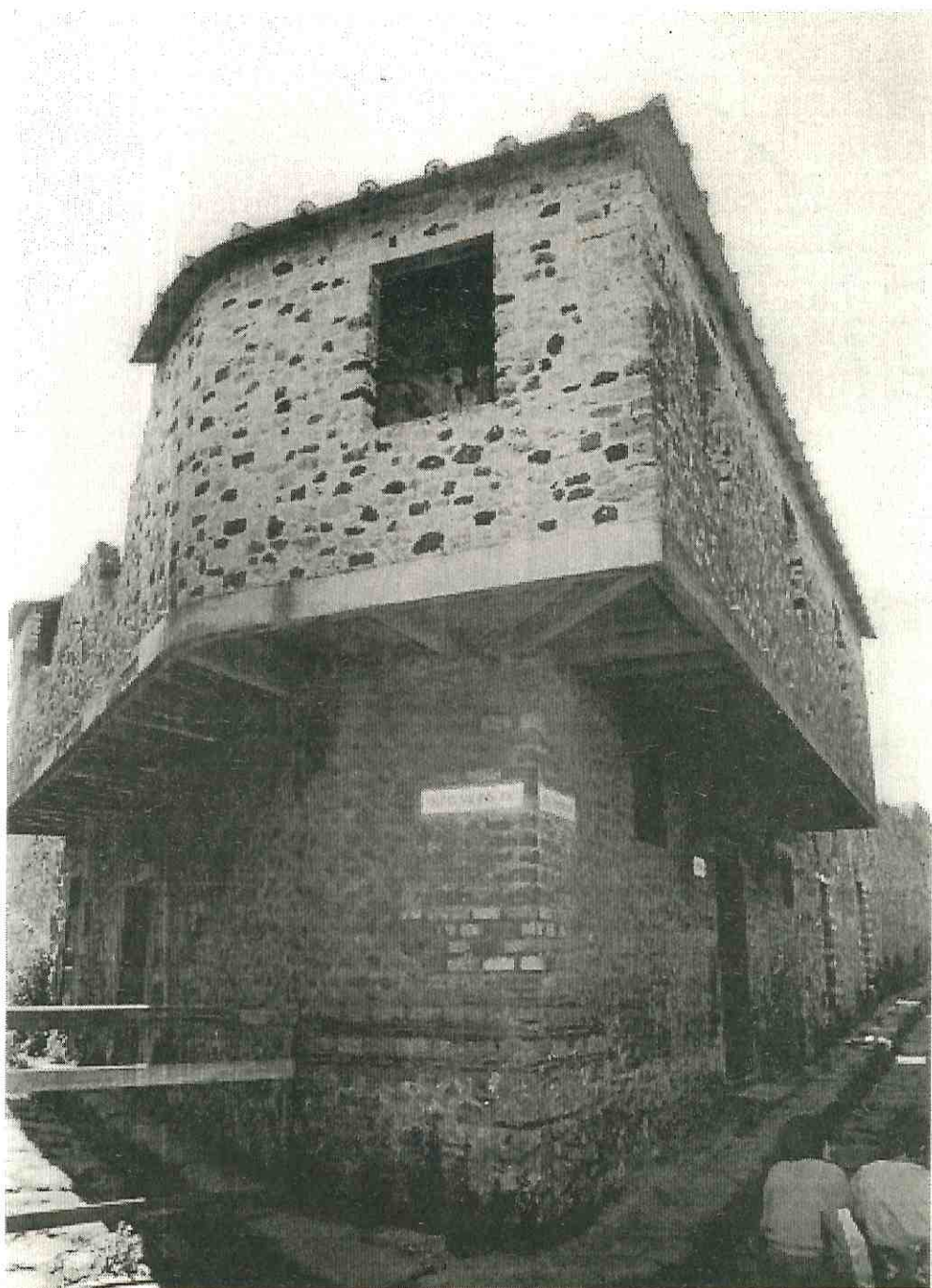


Figura 30 - *Pompéia, lupanar de dois andares.*



Grafite pompeiano, CIL IV, 8329 -

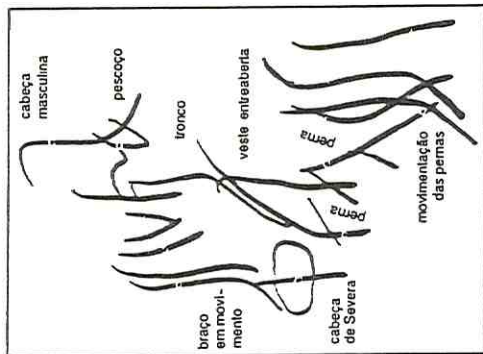


Figura 31

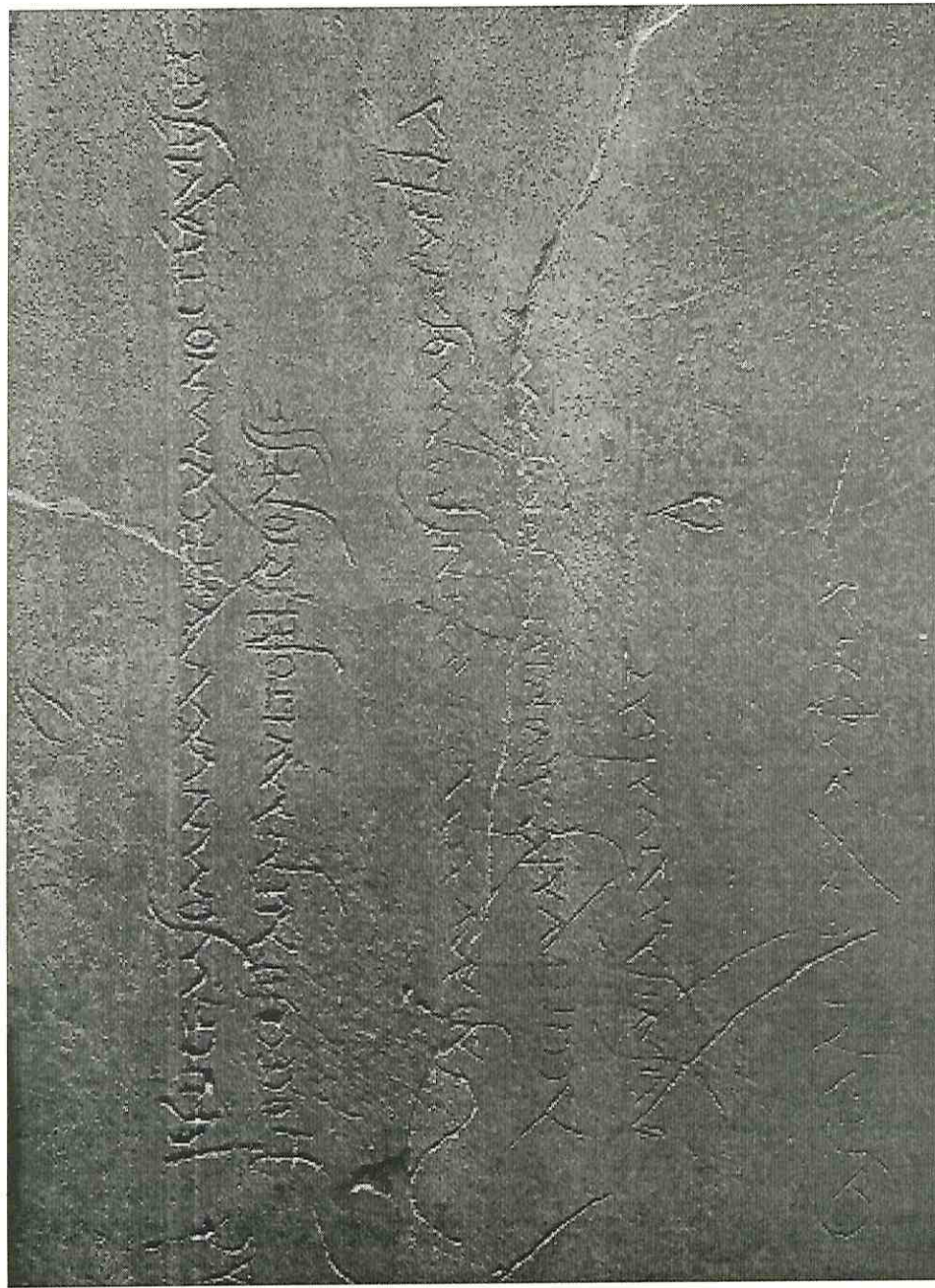


Figura 32 - Pompei. Frammento di parete con graffiti dalla casa di Fabio Rufo (inv. 20564). Sopra: *Felitem somnum qui tecum nocte quiescet. / Hoc ego si facere, multo felicior esse. Sotto: Vasia quae rapui, quaeris formosa puella: / accipe quae rapui non ego solus; ama. / Quisquis amat valeat* (Giordano, Fabio Rufo, 45s.).

FLORONIN/-
BINETDLINKE/
LEG-THIL.
FAT. HEQUE
N. LIEJE/
SCIERVNT. II
CAM STEET
JESERVNT.

Figura 33

(CIL, IV, 8258-8259)

(1) $\int \frac{1}{x^2} dx = -\frac{1}{x} + C$
 $\int \frac{1}{x^3} dx = -\frac{1}{2x^2} + C$
 $\int \frac{1}{x^4} dx = -\frac{1}{3x^3} + C$
 $\int \frac{1}{x^5} dx = -\frac{1}{4x^4} + C$
 $\int \frac{1}{x^6} dx = -\frac{1}{5x^5} + C$
 $\int \frac{1}{x^7} dx = -\frac{1}{6x^6} + C$
 $\int \frac{1}{x^8} dx = -\frac{1}{7x^7} + C$
 $\int \frac{1}{x^9} dx = -\frac{1}{8x^8} + C$
 $\int \frac{1}{x^{10}} dx = -\frac{1}{9x^9} + C$
 $\int \frac{1}{x^{11}} dx = -\frac{1}{10x^{10}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{12}} dx = -\frac{1}{11x^{11}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{13}} dx = -\frac{1}{12x^{12}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{14}} dx = -\frac{1}{13x^{13}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{15}} dx = -\frac{1}{14x^{14}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{16}} dx = -\frac{1}{15x^{15}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{17}} dx = -\frac{1}{16x^{16}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{18}} dx = -\frac{1}{17x^{17}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{19}} dx = -\frac{1}{18x^{18}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{20}} dx = -\frac{1}{19x^{19}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{21}} dx = -\frac{1}{20x^{20}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{22}} dx = -\frac{1}{21x^{21}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{23}} dx = -\frac{1}{22x^{22}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{24}} dx = -\frac{1}{23x^{23}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{25}} dx = -\frac{1}{24x^{24}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{26}} dx = -\frac{1}{25x^{25}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{27}} dx = -\frac{1}{26x^{26}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{28}} dx = -\frac{1}{27x^{27}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{29}} dx = -\frac{1}{28x^{28}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{30}} dx = -\frac{1}{29x^{29}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{31}} dx = -\frac{1}{30x^{30}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{32}} dx = -\frac{1}{31x^{31}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{33}} dx = -\frac{1}{32x^{32}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{34}} dx = -\frac{1}{33x^{33}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{35}} dx = -\frac{1}{34x^{34}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{36}} dx = -\frac{1}{35x^{35}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{37}} dx = -\frac{1}{36x^{36}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{38}} dx = -\frac{1}{37x^{37}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{39}} dx = -\frac{1}{38x^{38}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{40}} dx = -\frac{1}{39x^{39}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{41}} dx = -\frac{1}{40x^{40}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{42}} dx = -\frac{1}{41x^{41}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{43}} dx = -\frac{1}{42x^{42}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{44}} dx = -\frac{1}{43x^{43}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{45}} dx = -\frac{1}{44x^{44}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{46}} dx = -\frac{1}{45x^{45}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{47}} dx = -\frac{1}{46x^{46}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{48}} dx = -\frac{1}{47x^{47}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{49}} dx = -\frac{1}{48x^{48}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{50}} dx = -\frac{1}{49x^{49}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{51}} dx = -\frac{1}{50x^{50}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{52}} dx = -\frac{1}{51x^{51}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{53}} dx = -\frac{1}{52x^{52}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{54}} dx = -\frac{1}{53x^{53}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{55}} dx = -\frac{1}{54x^{54}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{56}} dx = -\frac{1}{55x^{55}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{57}} dx = -\frac{1}{56x^{56}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{58}} dx = -\frac{1}{57x^{57}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{59}} dx = -\frac{1}{58x^{58}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{60}} dx = -\frac{1}{59x^{59}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{61}} dx = -\frac{1}{60x^{60}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{62}} dx = -\frac{1}{61x^{61}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{63}} dx = -\frac{1}{62x^{62}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{64}} dx = -\frac{1}{63x^{63}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{65}} dx = -\frac{1}{64x^{64}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{66}} dx = -\frac{1}{65x^{65}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{67}} dx = -\frac{1}{66x^{66}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{68}} dx = -\frac{1}{67x^{67}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{69}} dx = -\frac{1}{68x^{68}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{70}} dx = -\frac{1}{69x^{69}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{71}} dx = -\frac{1}{70x^{70}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{72}} dx = -\frac{1}{71x^{71}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{73}} dx = -\frac{1}{72x^{72}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{74}} dx = -\frac{1}{73x^{73}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{75}} dx = -\frac{1}{74x^{74}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{76}} dx = -\frac{1}{75x^{75}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{77}} dx = -\frac{1}{76x^{76}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{78}} dx = -\frac{1}{77x^{77}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{79}} dx = -\frac{1}{78x^{78}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{80}} dx = -\frac{1}{79x^{79}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{81}} dx = -\frac{1}{80x^{80}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{82}} dx = -\frac{1}{81x^{81}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{83}} dx = -\frac{1}{82x^{82}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{84}} dx = -\frac{1}{83x^{83}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{85}} dx = -\frac{1}{84x^{84}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{86}} dx = -\frac{1}{85x^{85}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{87}} dx = -\frac{1}{86x^{86}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{88}} dx = -\frac{1}{87x^{87}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{89}} dx = -\frac{1}{88x^{88}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{90}} dx = -\frac{1}{89x^{89}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{91}} dx = -\frac{1}{90x^{90}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{92}} dx = -\frac{1}{91x^{91}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{93}} dx = -\frac{1}{92x^{92}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{94}} dx = -\frac{1}{93x^{93}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{95}} dx = -\frac{1}{94x^{94}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{96}} dx = -\frac{1}{95x^{95}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{97}} dx = -\frac{1}{96x^{96}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{98}} dx = -\frac{1}{97x^{97}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{99}} dx = -\frac{1}{98x^{98}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{100}} dx = -\frac{1}{99x^{99}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{101}} dx = -\frac{1}{100x^{100}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{102}} dx = -\frac{1}{101x^{101}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{103}} dx = -\frac{1}{102x^{102}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{104}} dx = -\frac{1}{103x^{103}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{105}} dx = -\frac{1}{104x^{104}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{106}} dx = -\frac{1}{105x^{105}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{107}} dx = -\frac{1}{106x^{106}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{108}} dx = -\frac{1}{107x^{107}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{109}} dx = -\frac{1}{108x^{108}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{110}} dx = -\frac{1}{109x^{109}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{111}} dx = -\frac{1}{110x^{110}} + C$
 $\int \frac{1}{x^{112$

Figura 34



Scena di caccia con gladiatore a cavallo, forse un *Veles* o *Provocator* che ferisce un cervo

Figura 35

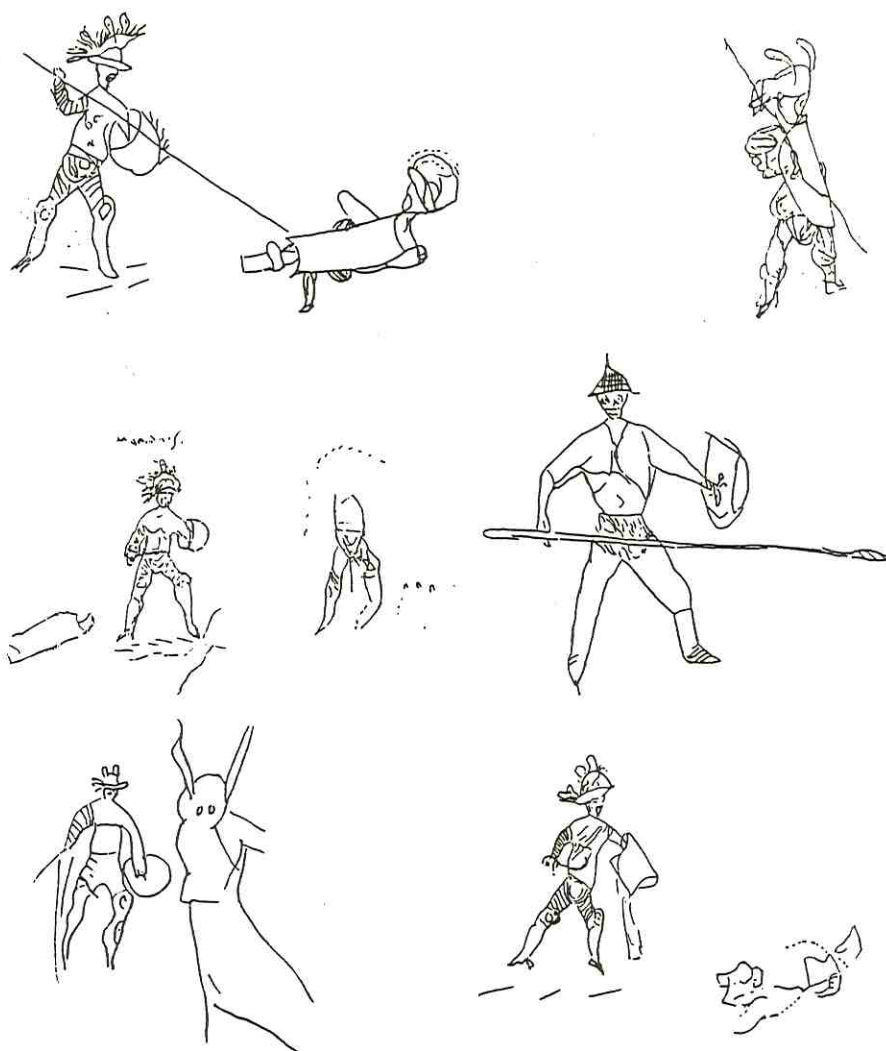


Figura 36



Scontro di gladiatori: graffito su intonaco rosso già nella Casa n. 12 della Reg. IX ins. 1 cm. 32x37.

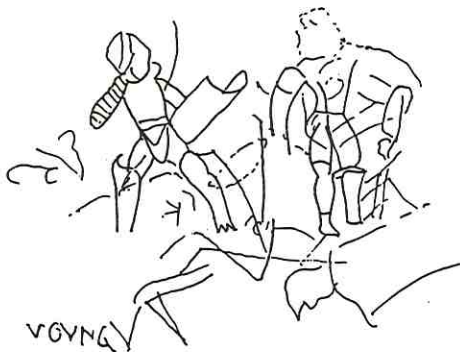
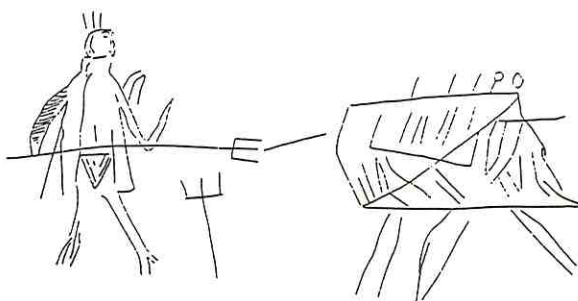
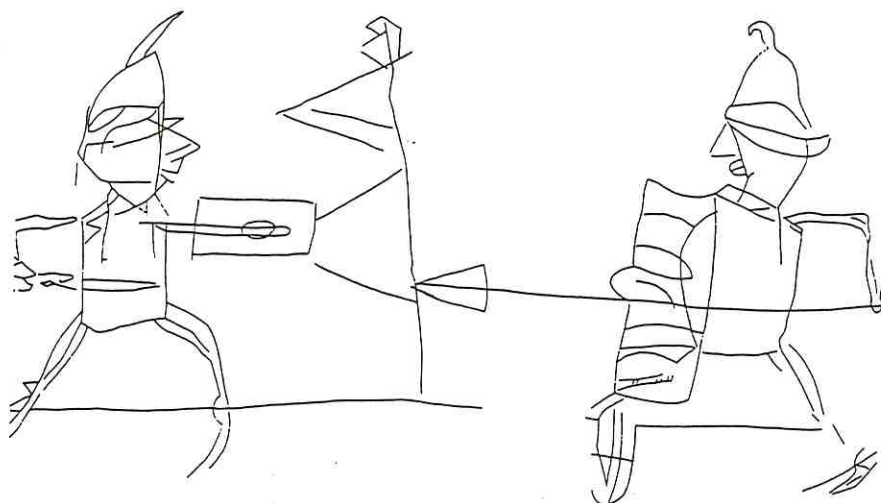


Figura 37



Gruppo di gladiatori con *retiarius* che dopo aver involuppato l'avversario con la rete si appresta a tirare la corda per stringerlo sempre di più e infilzarlo con la fuscina

Figura 38

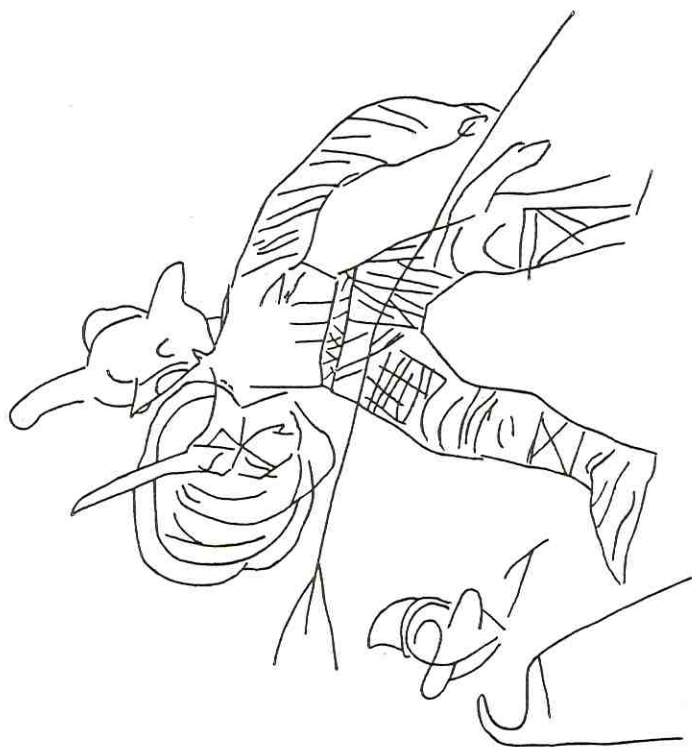
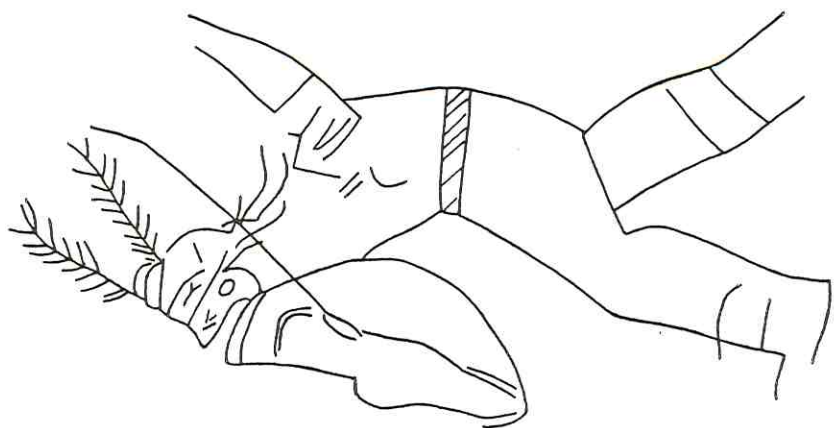


Figura 39

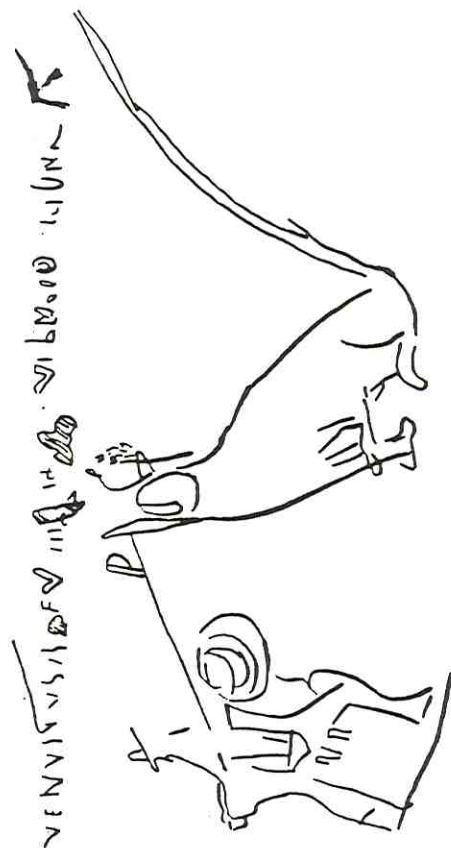


Figure 8. Man and animal fighting, CIL IV 8017.

Figura 40

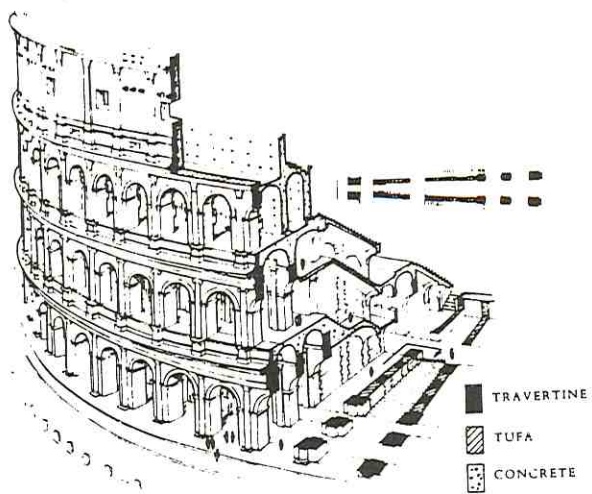


Figure 9. Gladiators, flute players, and gods, CIL IV 10237.

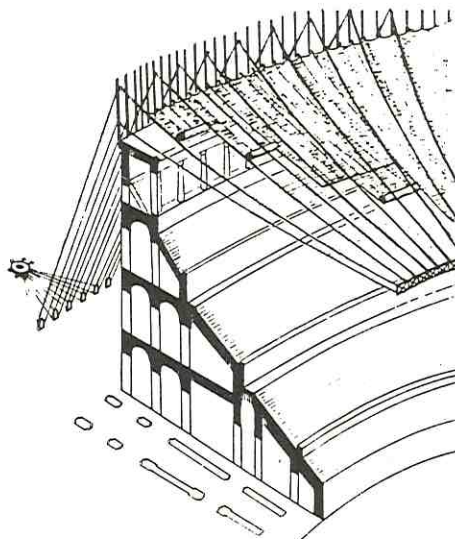
	strokes	percentage
data in Figure 8 ¹		
human body features	7	21.2%
ambiguous features (legs)	2	6.0%
fight related features	24	72.7%
	features	(face strokes per human)
data in Figure 9 ²		
gladiators	3.5	(100)
flute players	7	(200)
two upper gods	20	(571)

¹ The few body strokes, essential to characterise Venustus as a fighter, do not carry any human features (as facial expression), and his drawing is thus much like the representation of the lion.

² The figures in the table refer only to the two upper gods, the two lower drawings are not clearly representations of idols.

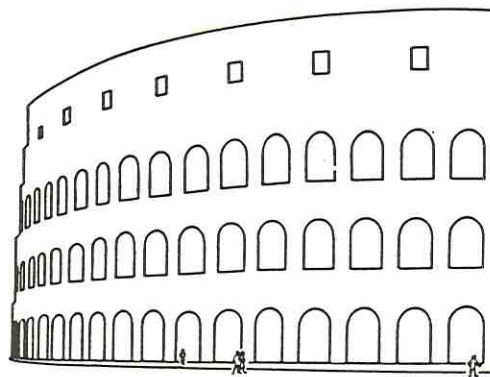


Rome, Colosseum, section

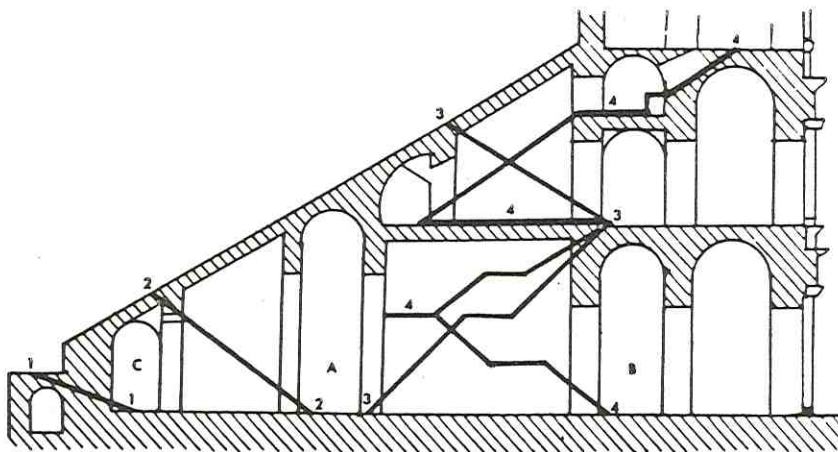


Rome, Colosseum, sectional view & awnings

Figura 42



Rome, Colosseum, exterior without engaged columns



Rome, Colosseum, system of stairways & corridors

Figura 43

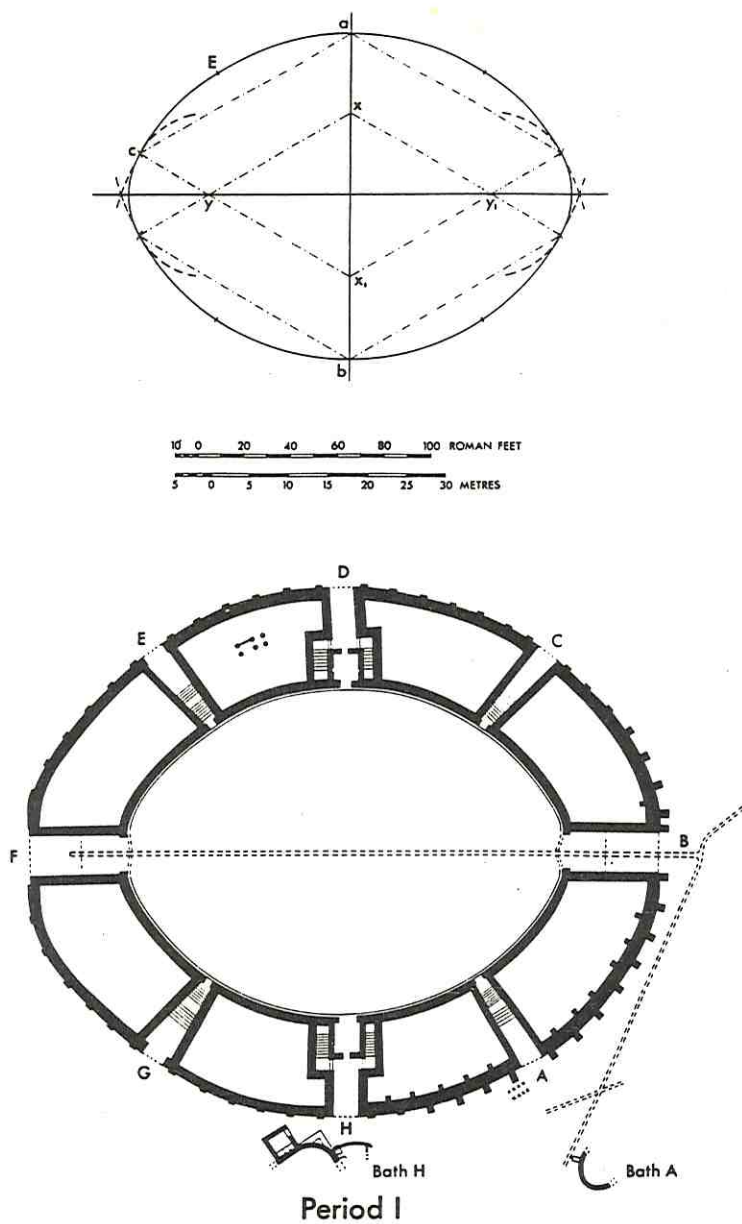


Figura 45

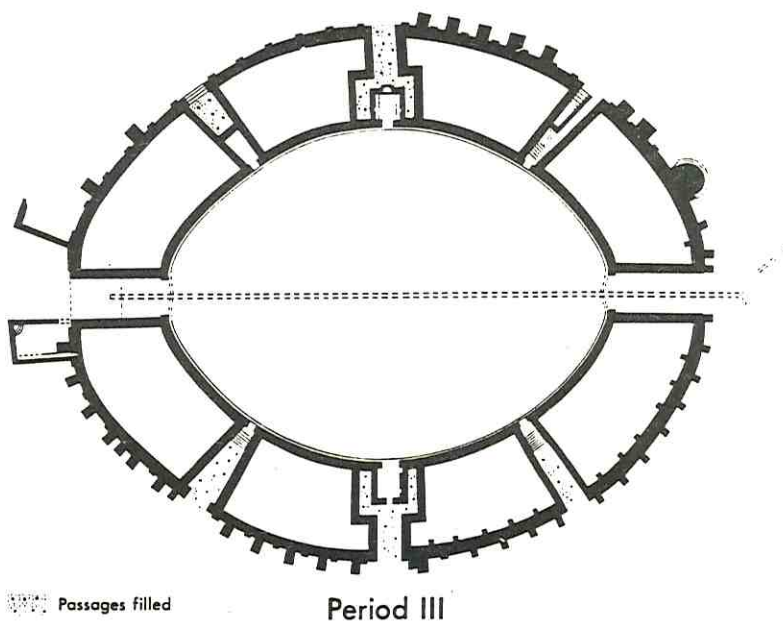
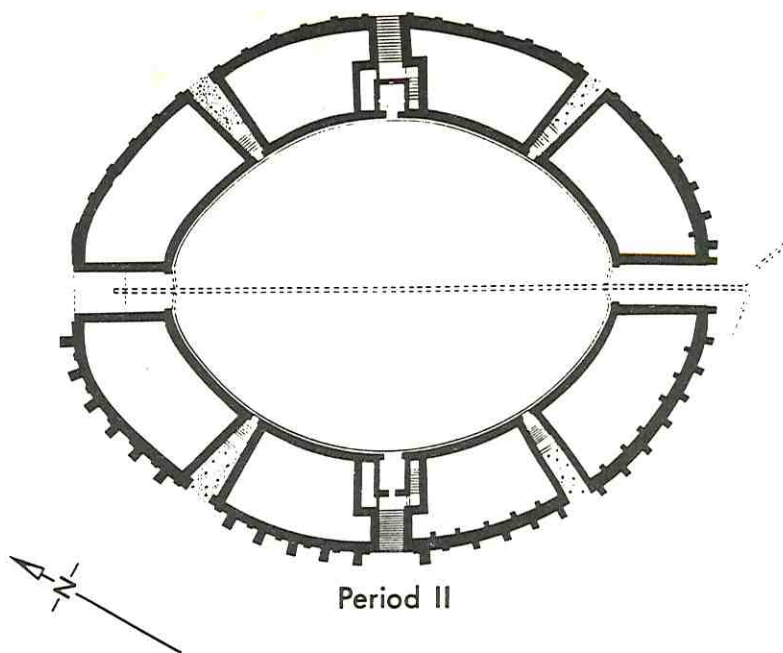


Figura 46

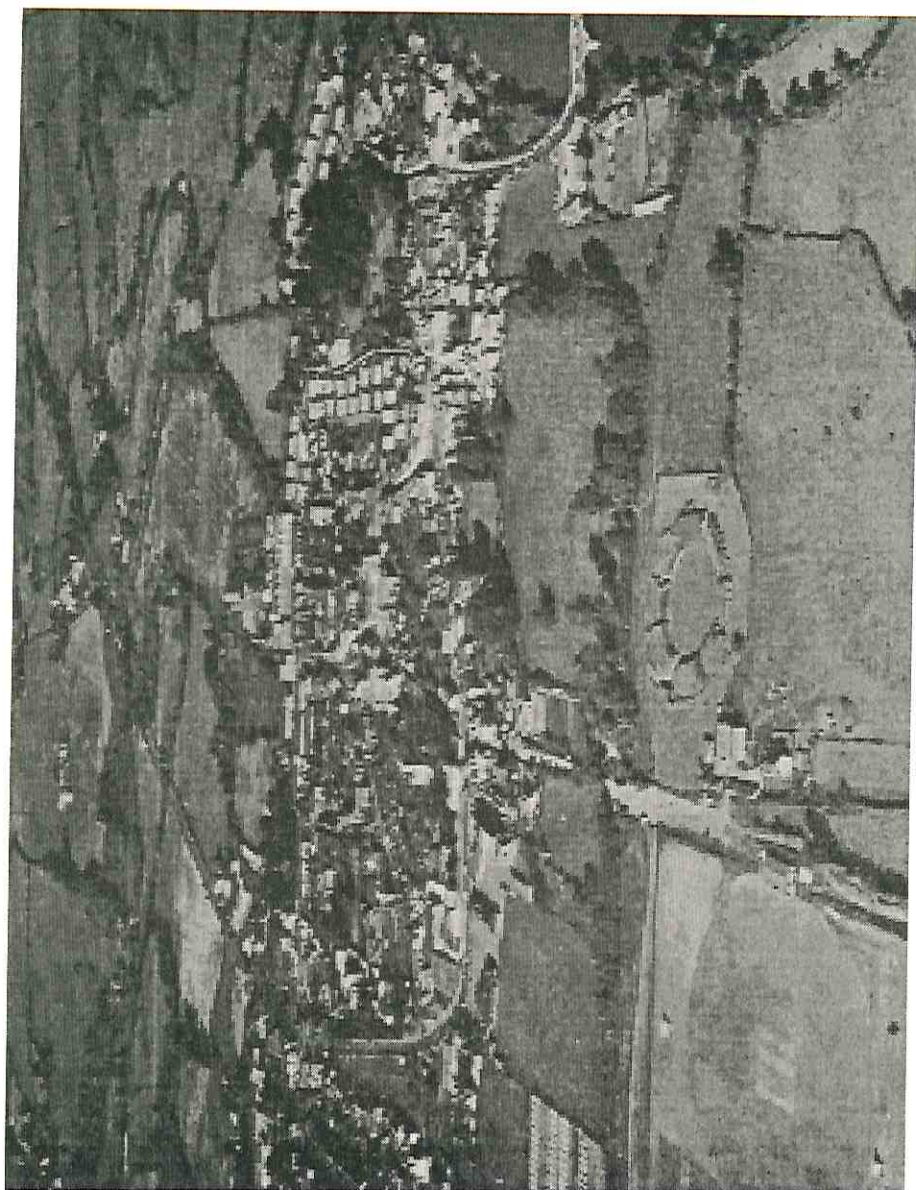


Figura 47 - *Vestígios visíveis do anfiteatro de Isca.*

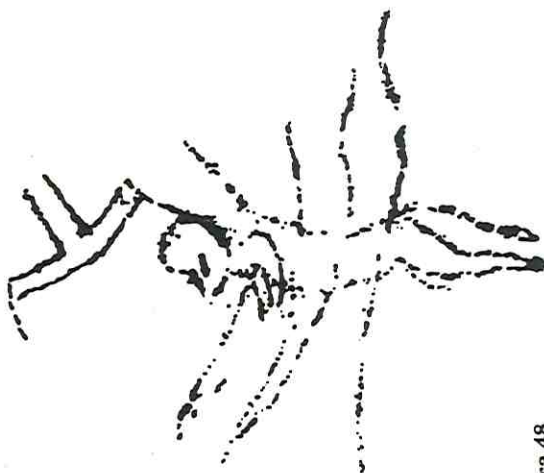
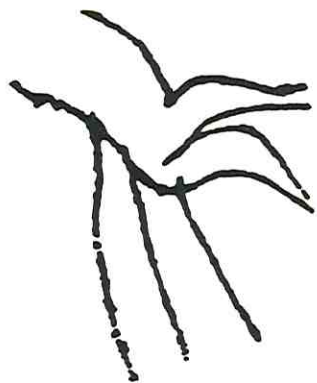
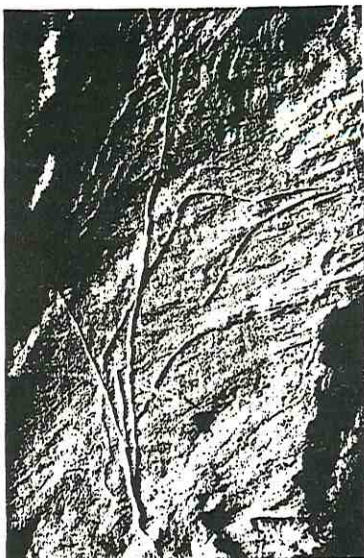


Figura 48

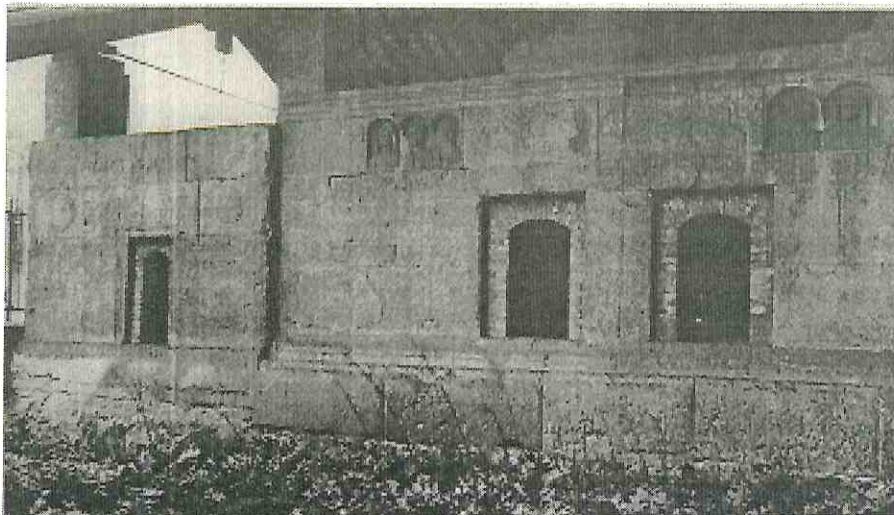


Figura 49 - *Roma, via Statilia, tumbas de libertos romanos.*

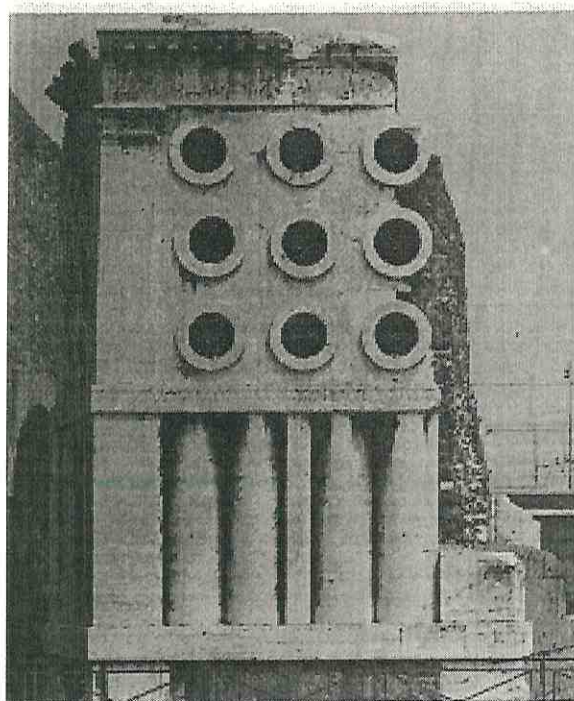


Figura 50 - *Roma, ante à Porta Maggiore, tumba do liberto M. Vergilius Euryaces.*

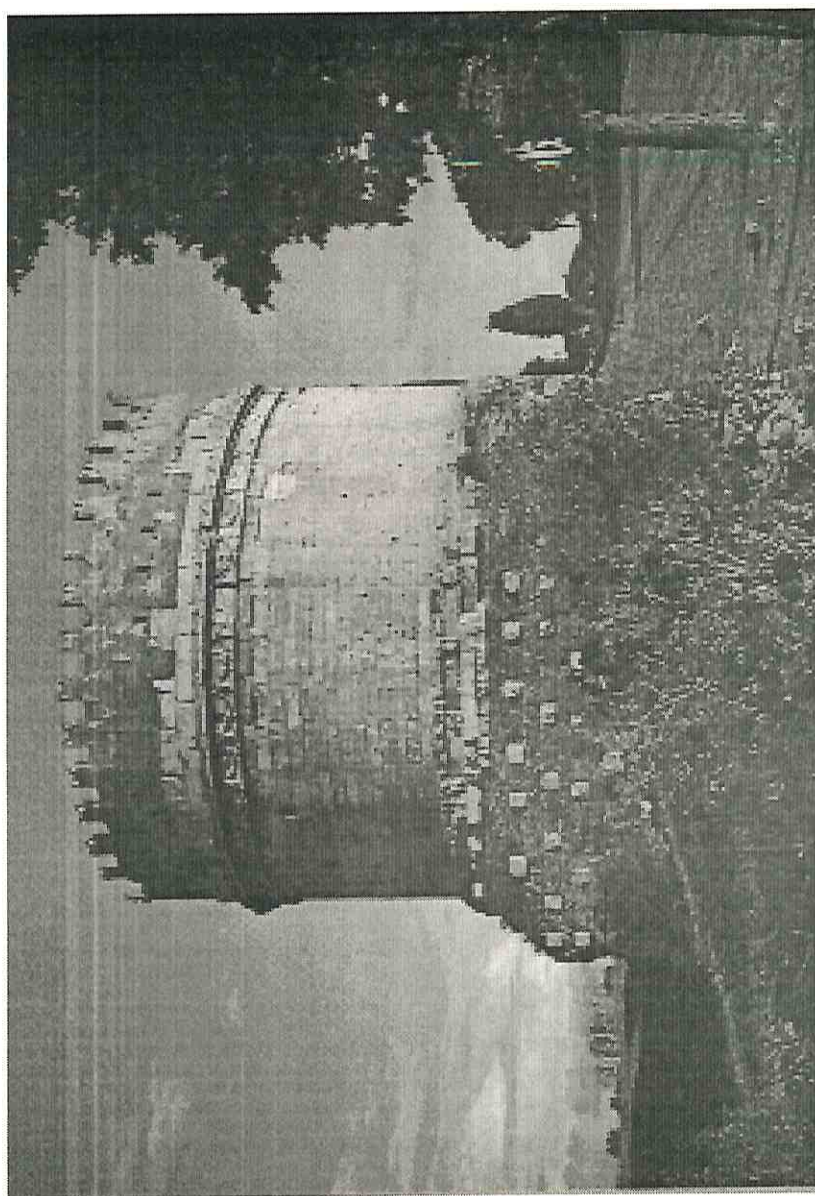


Figura 51 - Roma, via Appia, tumba de *Crucifixa Metella*.

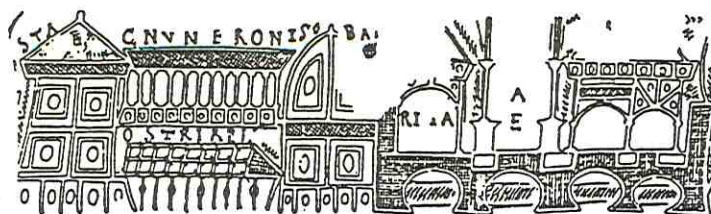
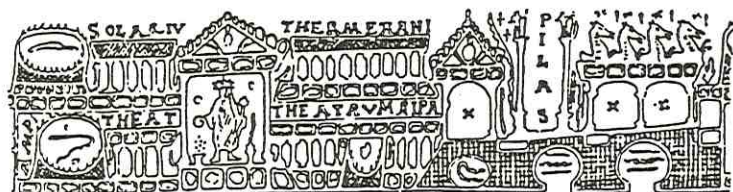
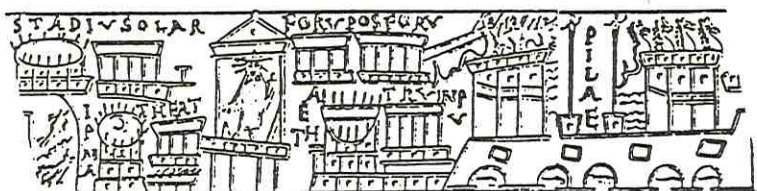
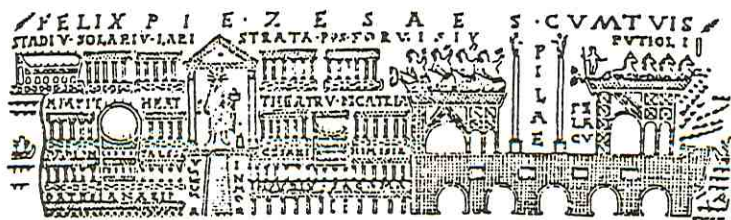


Figura 52

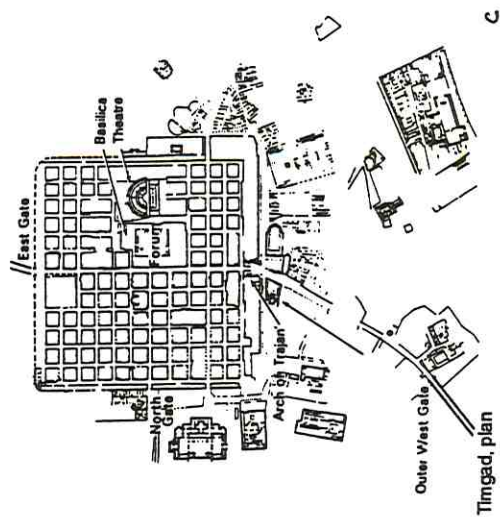
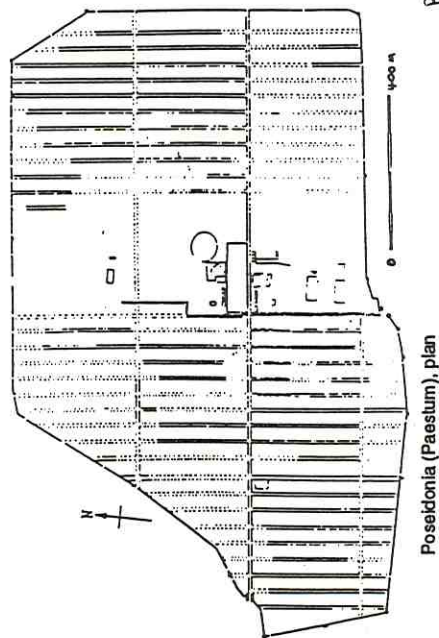
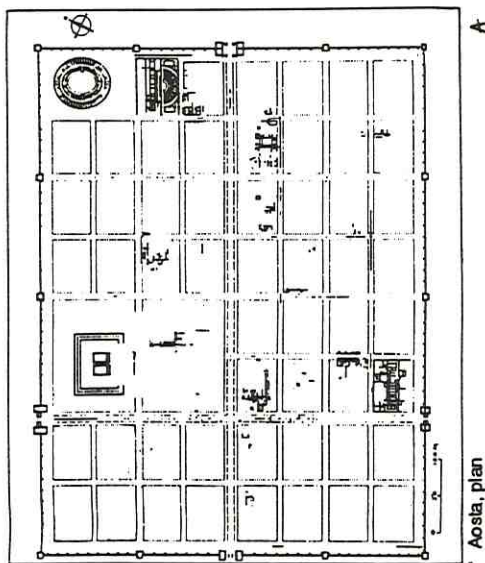
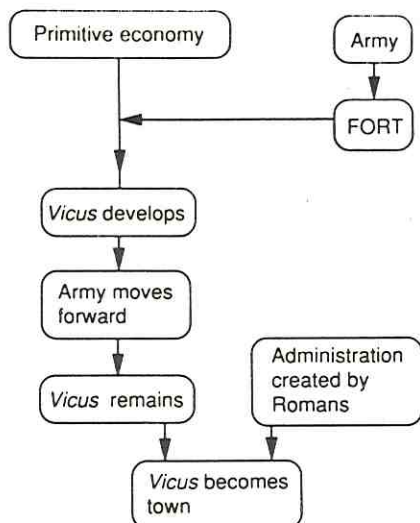
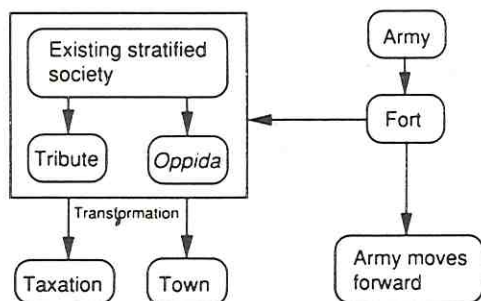


Figura 53

MODEL 1

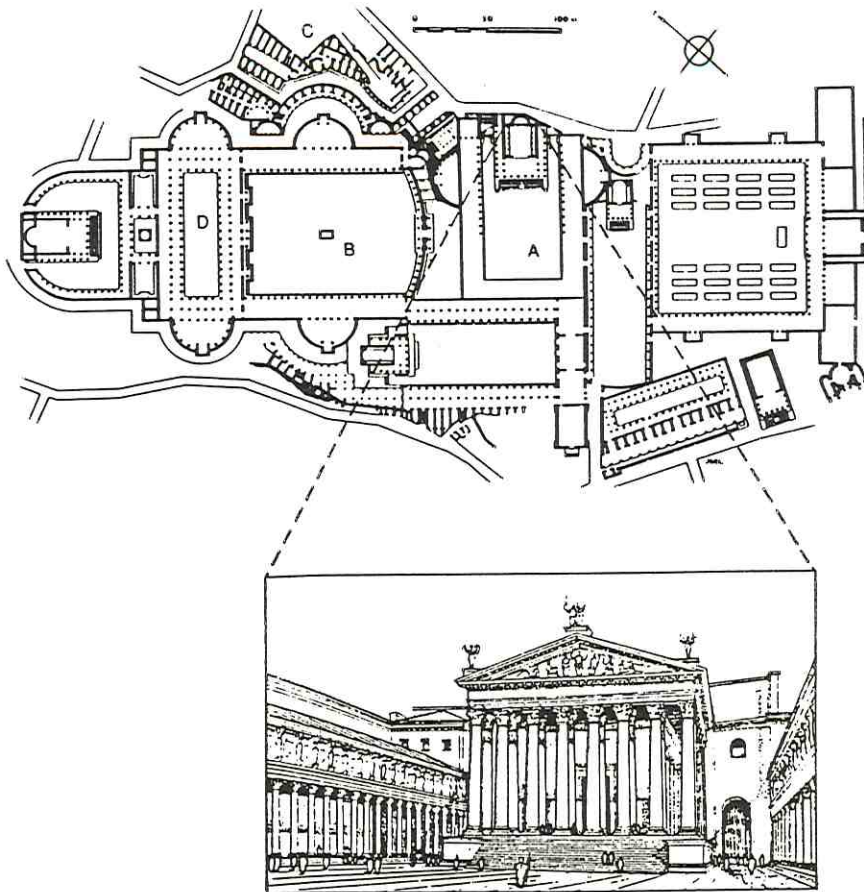


MODEL 2



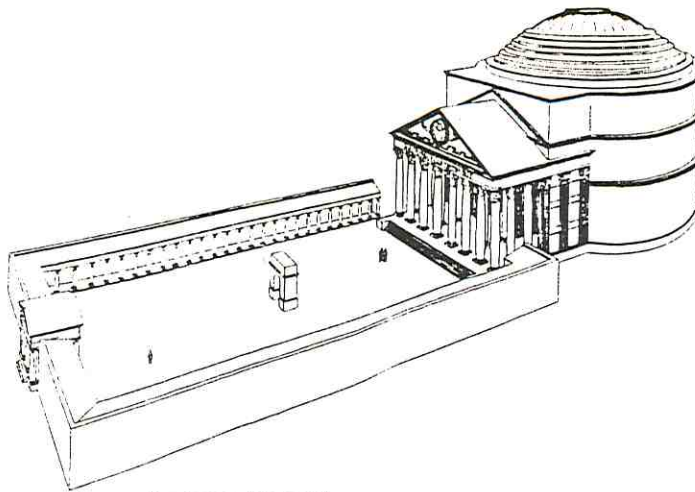
Alternative models for the relationship of forts to town origins in early Roman Britain. Model 1 (based on Webster 1966) emphasizes the active rôle of the military, whilst Model 2 (Millett 1984) stresses the continuity of native political systems and centralization accentuated by the taxation system.

Figura 54

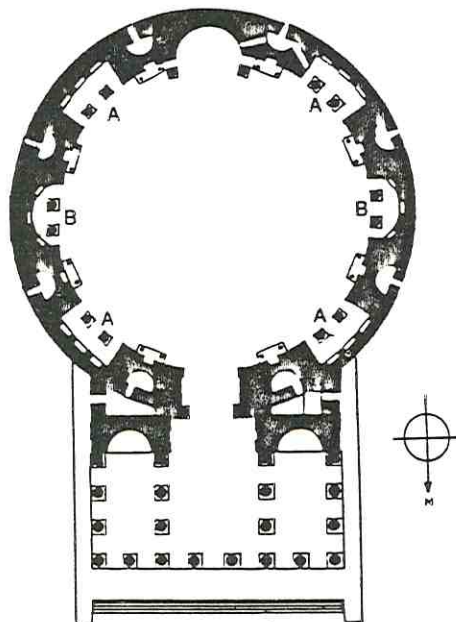


Rome, Imperial Fora & Temple of Mars Ultor

Figura 55



Rome, Pantheon, forecourt



Rome, Pantheon, plan

Figura 56

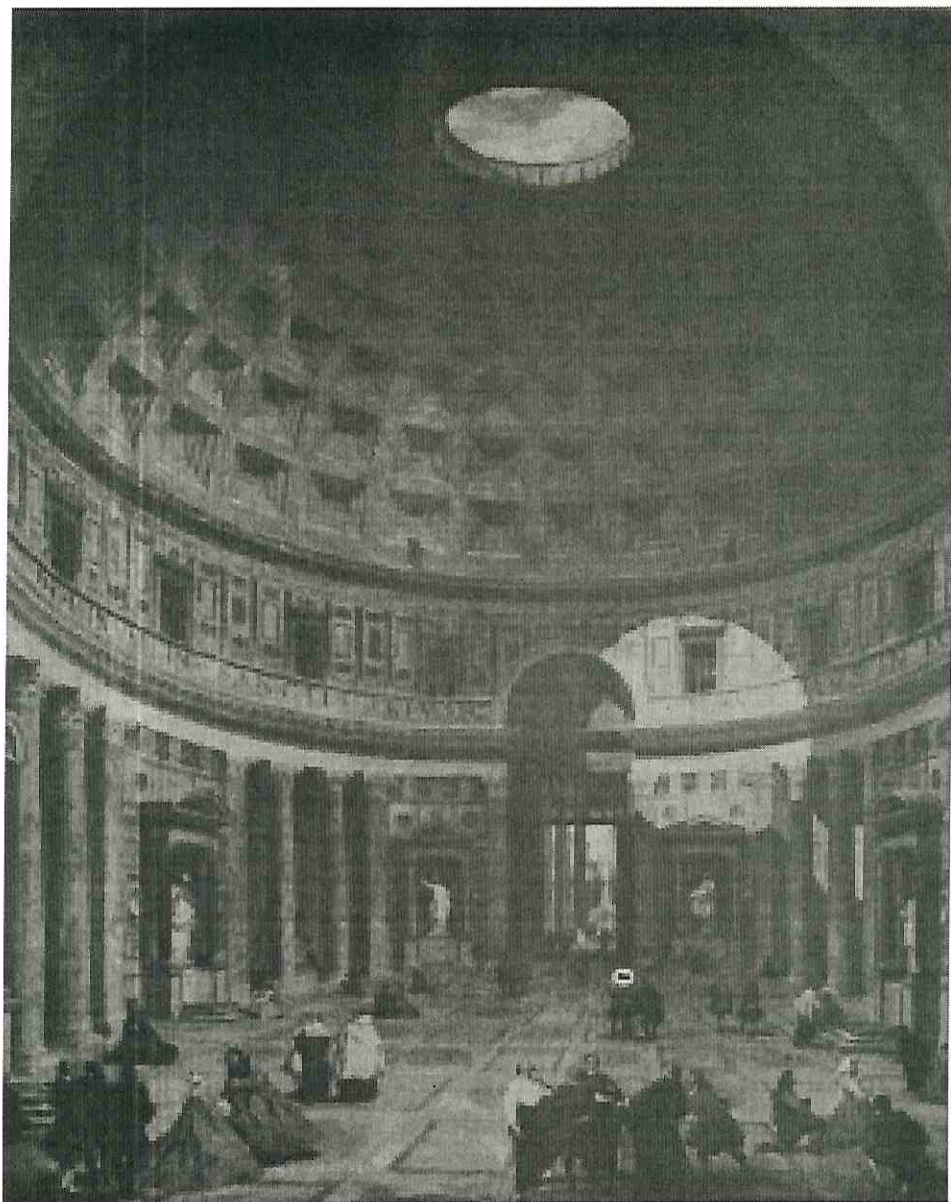
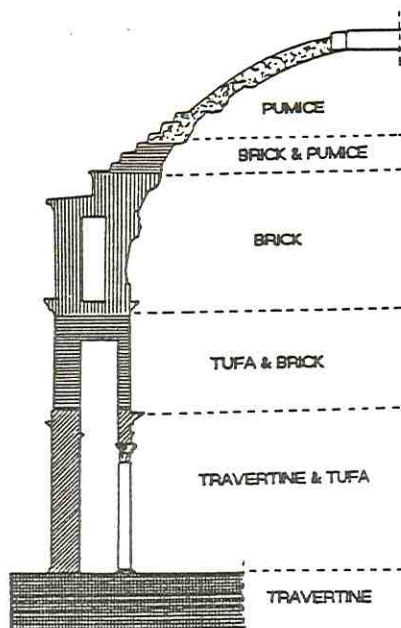
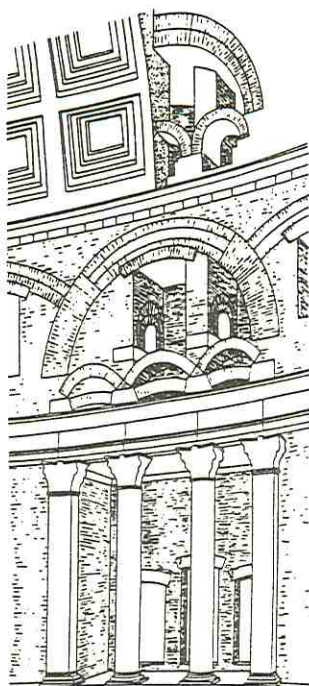
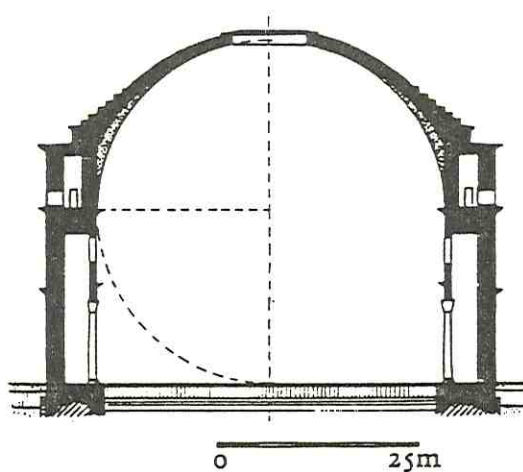


Figura 57 - *Interior do Panteon.*

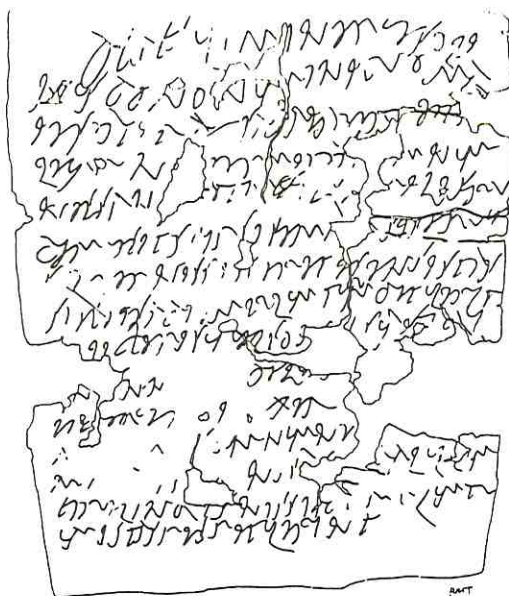


Rome, Pantheon, core materials in concrete of rotunda



Rome, Pantheon, section through rotunda

Figura 58

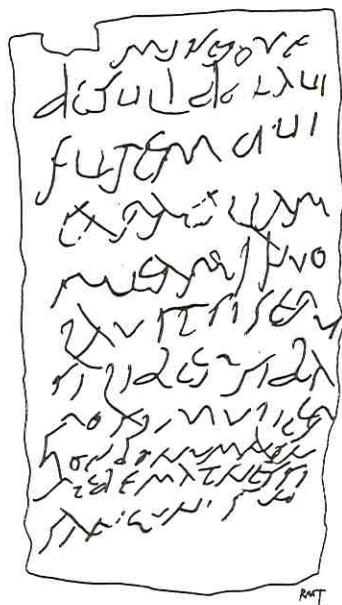


Carta referente a roubo de roupas

Figura 59 - Carta referente a roubo de roupas

Transcrição: daeesuliminiruesoli/nusdononuminituoma/iestatipaxsabaearemet/
leumn<>ermitta<>mnum/necsan..tem,eiquimihifru/dem.ecitsiursifemi<.>siseruus/
s<.>l..emissi..eretegensistas/s.eciesad..mplumtuumdetulerit/..beriesuiue Ison sua.equi/deg
/eiquoque xe/ mnumne/ m n..alul.um/etrelinq<.>. snissiad.<.>mplumtu/umistasresretulerint.

Tradução: “De Solino para a deusa Sulis Minerva. Dou para tua divindade e majestade minha túnica de banho e meu casaco. Não deixa dormir, ou ter saúde, aquele que me fez mal, seja homem ou mulher, escravo ou livre, a menos que se apresente e traga estas coisas para o teu templo... seus filhos ou seus... e... aquele... para ele também... sono ou <saúde>... casaco e o restante, a menos que tragam estas coisas para teu templo.”

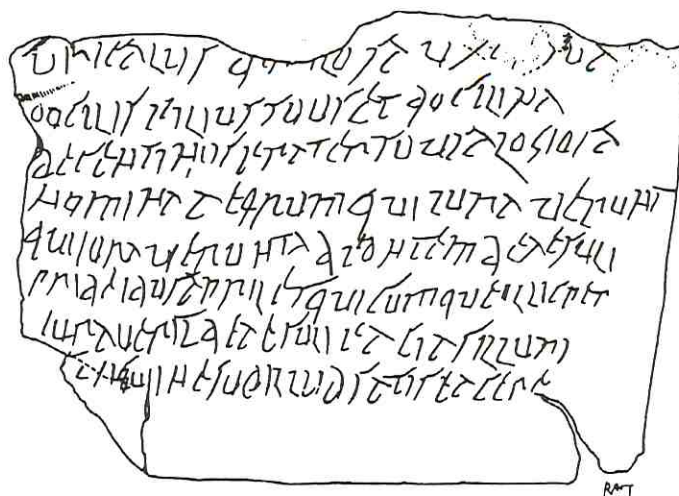


Roubo de um manto

Figura 60 - Roubo de um manto

Transcrição: minerue/desulidonaui/furemqui/caracallam/meaminuo/
lauitsiserus/siliberiba/rosimulier/hocdonumnon/redematnessi/sangun.suo.

Tradução: "Para Minerva, a deusa Sulis, dou o ladrão que roubou meu casaco, seja escravo ou livre, homem ou mulher. Não reaverá esta doação a não ser com seu próprio sangue."

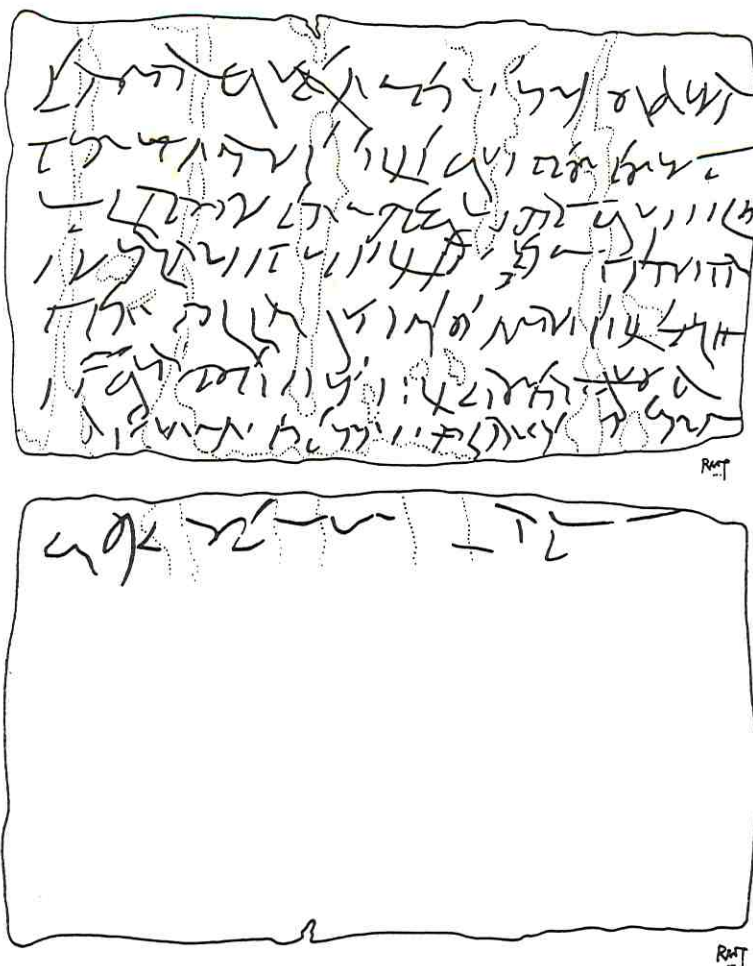


Punição ao perjúrio ou falso testemunho

Figura 61 - Punição ao perjúrio ou falso testemunho

Transcrição: uricalusdo.ilosaux..sua/ docilisfiliussuusetdocilina/
decentinusfratersuusalogiosa/nominaaeorumquiiurauerunt/
quiiuraueruntadfontemdeaesuli/ prideidusaprilesquicumqueillicper/
iurauerritdeaesulifaciaillum/ sanguinesuoilludsatisfacere.

Tradução: “Uricalo, Docilosa sua mulher, Dócilis seu filho e Docilina, Decêntino seu irmão, Alogiosa: os nomes destes que juraram <que juraram>, na fonte da deusa Sulis, no dia 12 de abril. Aquele que cometer um perjúrio, faça com que pague com o próprio sangue à deusa Sulis.”



Uley: inscribed lead tablet, No. 1. Scale 3:2.
(Drawn by R.S.O. Tomlin)

Transcription

cartaquemercuriodona
turutmanneçilisquiper[.]erunt
ultionemrequiratquiiilloş
invalaviitutillisaŋguem[.]tsanita
temtolla[.]quiipsoşmanicili[.]ştulit
itquantociçiusiilipareatquod
deummercuriurm[.]gamus[...].ura

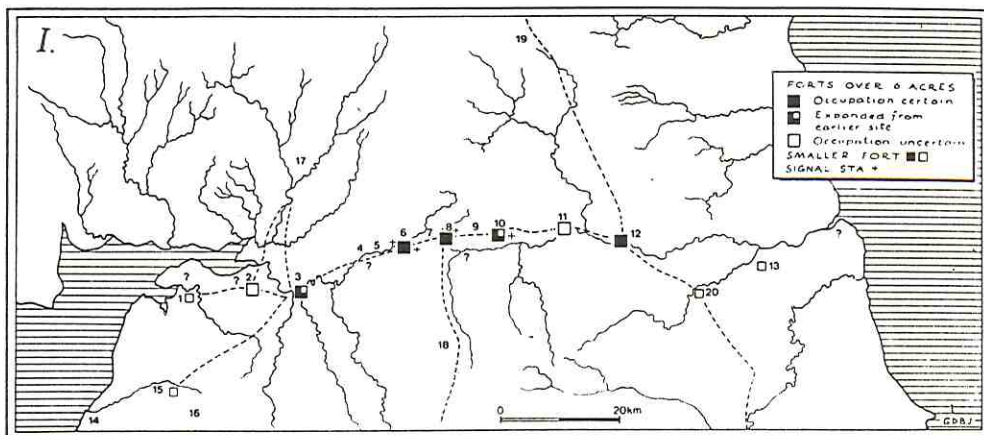
q[.]oş.nç.u[2-3]lat
vacat

Reconstructed text

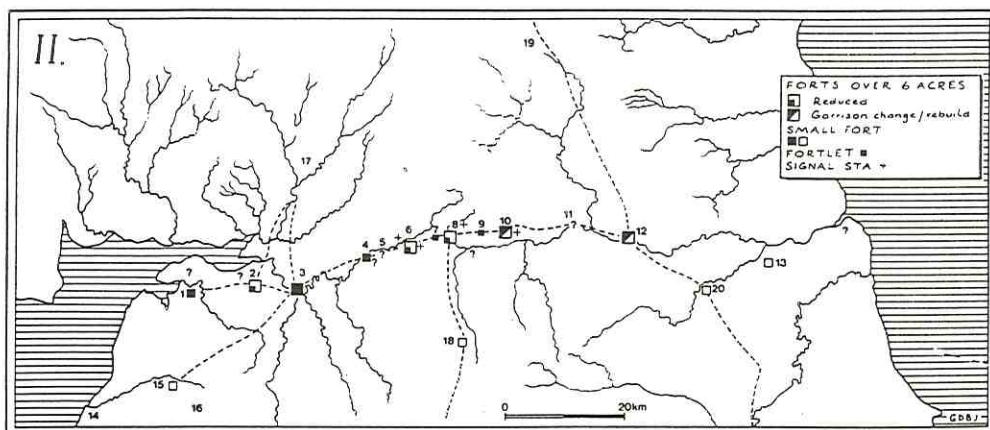
carta qu(a)e Mercurio dona-
tur ut manecilis qui per[i]erunt
ultionem requirat; qui illoş
invalavi<i>t ut illi saŋgu(in)em [e]t sanita-
tem tolla[t]; qui ipsos manicili[o]ş tulit
[u]t quantoci<çi>us illi pareat quod
deum Mercurium r[o]gamus [...].ura

q[.]oş.nç.u[2-3]lat.

Figura 62 - Placa metálica proveniente de Uley

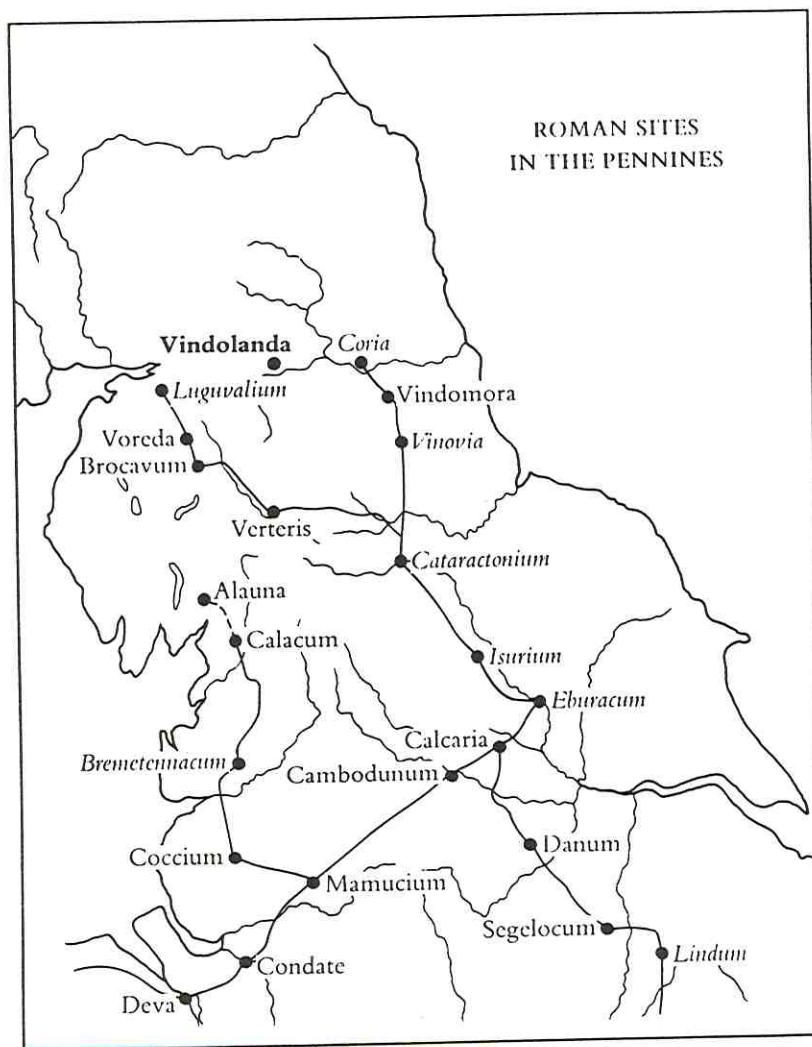


The early Tyne/Solway Frontier I: c. AD 90+. 1 Kirkbride: 2 Burgh-by-Sands:
 3 Carlisle: 4 Old Church Brampton: 5 Boothby: 6 Nether Denton: 7 Throp: 8 Carvoran:
 9 Haltwhistle Burn: 10 Vindolanda: 11 ?Newbrough: 12 Corbridge: 13 Whickham:
 14 Maryport: 15 Blennerhasset: 16 Caermote: 17 Broomholm: 18 Whitley Castle:
 19 High Rochester: 20 Ebchester.



The early Tyne/Solway Frontier II: c. AD 105+. 1 Kirkbride: 2 Burgh-by-Sands:
 3 Carlisle: 4 Old Church Brampton: 5 Boothby: 6 Nether Denton: 7 Throp: 8 Carvoran:
 9 Haltwhistle Burn: 10 Vindolanda: 11 ?Newbrough: 12 Corbridge: 13 Whickham:
 14 Maryport: 15 Blennerhasset: 16 Caermote: 17 Broomholm: 18 Whitley Castle:
 19 High Rochester: 20 Ebchester.

Figura 63



The major Roman sites in the north of England. Only the principal roads are shown. Place-names which certainly or possibly occur in the texts from Vindolanda are in *italic*.

Figura 64

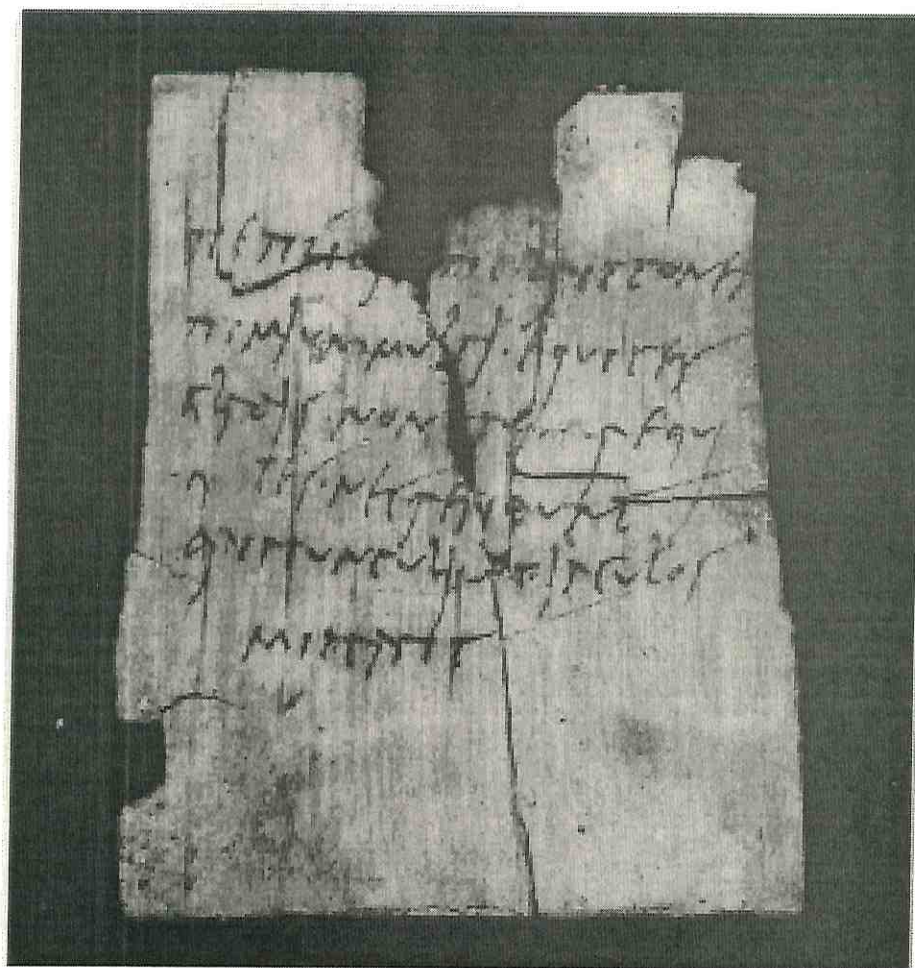


Figura 65 - Memorando sobre os britúnculos.

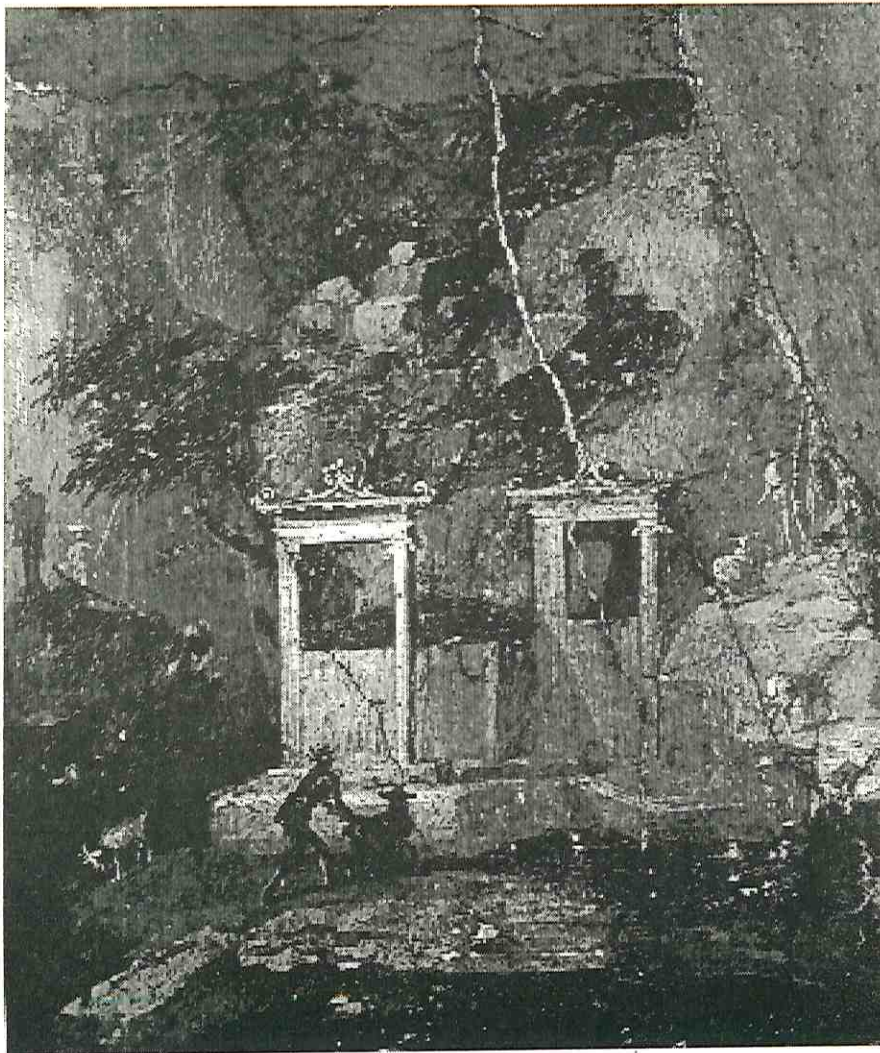
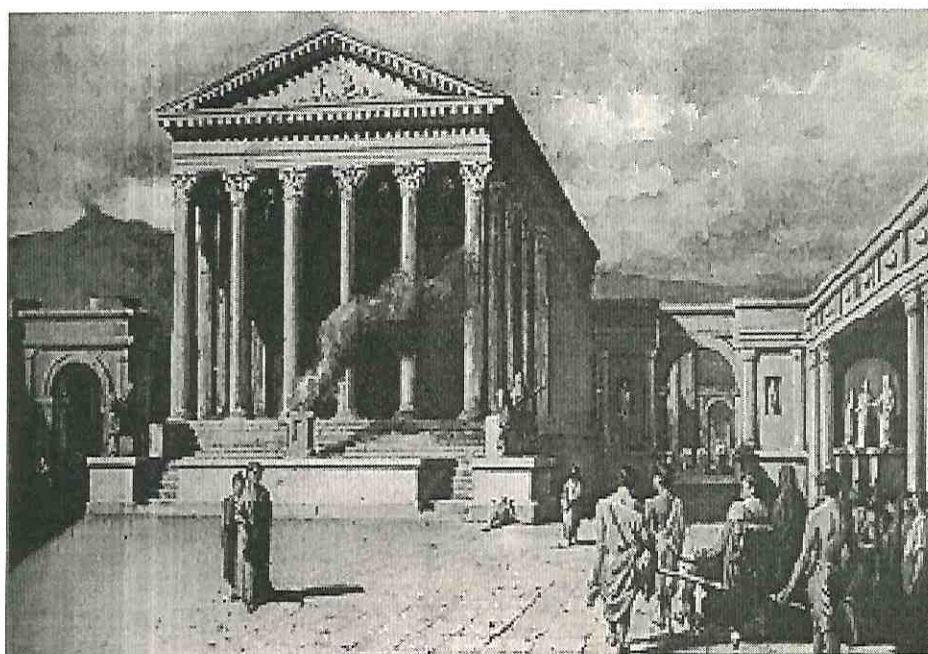


Figura 66 - *Pintura parietal, proveniente de Pompéia, Museu de Nápoles.*



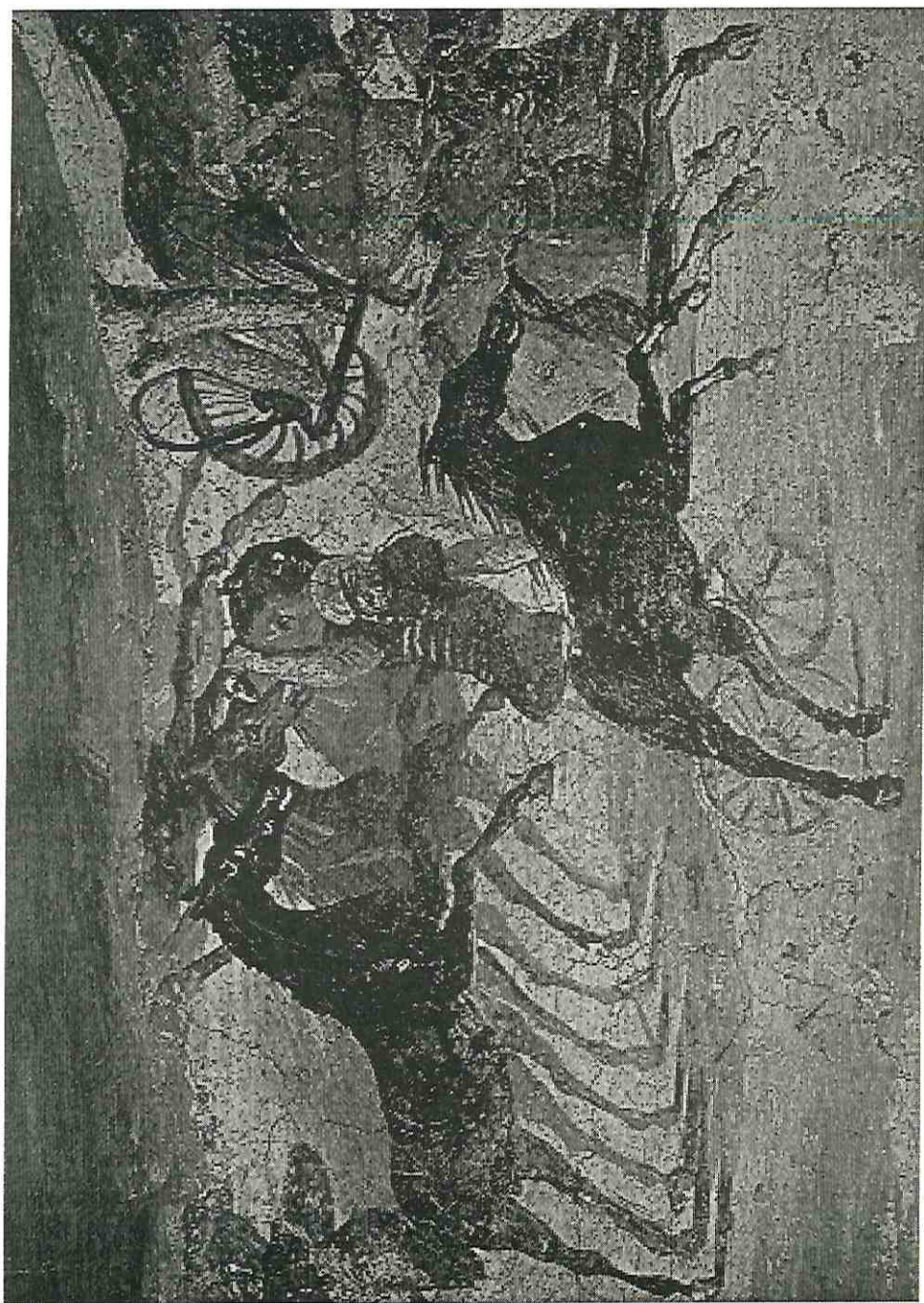
Templo de Júpiter Capitolino, na extremidade norte do Fórum de Pompéia (Ward-Perkins & Claridge 1976: 57)



Pintura de como seria o Templo de Júpiter, junto ao Fórum de Pompéia (Grant 1979: 95).



Portico da villa da porta do mar, em Pompéia; avista-se a porta ao fundo, à direita (Grant 1979: 126).



Detalhe de pintura parietal de corrida (57x92cm), Museu de Nîpoles (Ward-Perkins & Claridge 1976: 31).

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA REMESSA
Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not wanted.

À

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

Caixa Postal 6.110

13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 788.8342

Telex: (019) 1150 - Telefax (019) 239.3327